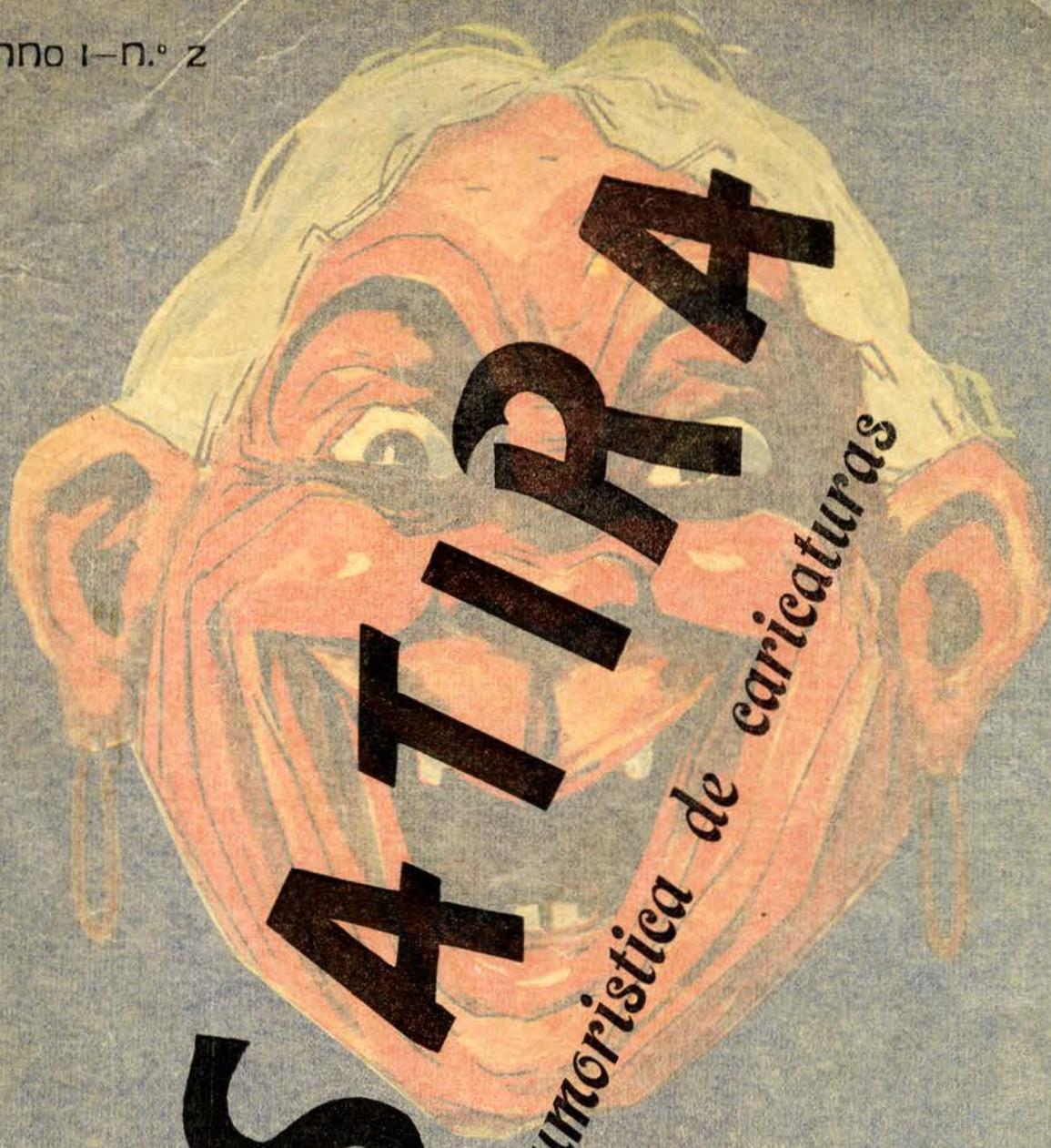


Anno I - n.º 2



SATIRA

Revista humorística de caricaturas

A SATIRA

DIRECTOR E PROPRIETARIO: Joaquim Guerreiro

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA MARALHEA 125, 2.ª

EDITORA: José Stuart Cerqueira

COMISSÃO

PREÇO 60 RÉIS



A SATIRA

DIRECTOR E PROPRIETARIO: Joaquim Guerreiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA MAGDALENA, 125, 2.º

EDITOR: José Stuart Carvalhaes

Composição e Impressão: Typ. de A. M. ANTUNES, Calc. da Glória, 6 a 10—LISBOA

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Joaquim Guerreiro

ADMINISTRADOR — Salomão Guerreiro

EDITOR — José Stuart Carvalhaes

Redacção e Administração — R. da Magdalena, 125, 2.º

Typ. Antunes — Calçada da Glória, 6 a 10 — LISBOA



Não me conheces? Dás cinco reisinhos ao velho? Olha que levas uma pançadinha!... E já rompe o domingo magro que é tão magro como o gordo, quando o bom alfacinha começa a ouvir estas phrases que definem o nosso modo de pensar: Não me conheces? Não faz mal, mas passa para cá a teca, quando não levas uma pansada que te avario o aparelho digestivo. O burquez tem que achar muita graça, na incerteza de que quem lhe dirige essas palavras seja o seu vizinho Fagundes ou o impagavel petiz das gravatas. São uns cobres obrigados! O que arruinou o nosso carnaval foi o quererem fazer d'isto Veneza ou Nice. Eu bem sei que nós temos o Rocio onde voam pombos eguaes aos da Praça de S. Marcos, com a differença que os de lá se acolhem n'um templo sumptuoso e os de cá no Theatro Nacional, que de sumptuoso só tem o semsabor das peças que lá vão. E com respeito á semelhança com Nice, temos conversado. Lá, correm boas loiras na banca verde, motivo porque ha quem compre flôres em abundancia. Cá, o jogo é prohibido.

Quando se joga na roleta pataqueira, apparecem os vintens mulatinhos a dansarem um maxixe que até faz brilhar os luzios dos respeitaveis pontos.

As novas leis sobre os empregos tiraram bom dinheiro a muita gente, depois querem que o Carnaval esteja animado.

A Fifi vae ao Peixinho comprar um ramo de violetas, para atirar ao Lúlú, O Peixinho: « Tres tostões, minha senhora » — « Tres tostões por meia duzia de violetas, que nem cheiro teem?! » — « Não faz mal, minha senhora, basta que se vejam no ar... »

E é por estas e por outras que a gente cae em atirar saquinhas ao gesto astuto da Fifi, que traçoieira nos offerece o ramo de violetas. Quando esperamos que ella no-lo envie, ficamos a ver raminhos no alto de uma tipoia.

O Lúlú é que se abotoa com o raminho e com o nosso saeo ainda por cima. E os carros?



Um encanto! Uma galera do Jacintho, tirada a mulas que servem nas mudanças, recheada de meninas e mancebos que dansam no Club Irmão de Apollo ou outra sociedade philarmonica, e que só vestem roupa lavada, aos sabbados quando largam o balcão. E as mulas lá vão ajoujadas pelo Chiado acima entre as pragas sonoras do carroceiro, que julga levar os trastes da mudança. Depois da fileira dos trens de praça, sem numero, para a gente julgar que são particulares, como se as miserias pilecas não attestassem a sua procedencia. Um carro da casa das Bengalas, uma creança dentro de uma couve lombarda, um cysne de pennas sujas, etc., etc. Além um pinoca pucha as orelhas a um garoto que lhe apanhou no ar uma libra de chocolate, atirada por uma menina de nomeada no Carnet Mondain.

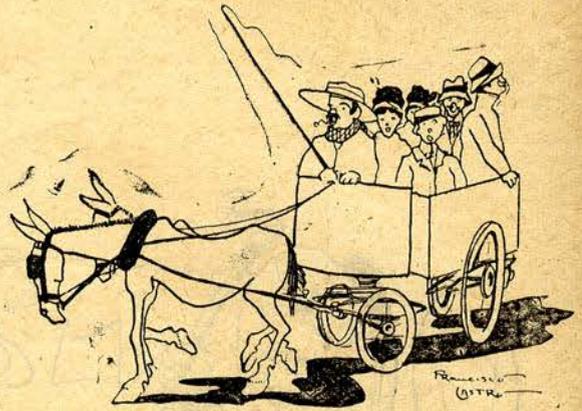
O gaiato passa-lhe um golpe á Raku, ou o sport não tivesse na Republica attingido as baixas camadas, e o pinoca fica sem libra e com cara de parvo.

Nos clubs do Chiado, meia dúzia de cavalheiros cujo « dandysmo snob » ficaria suffocado na onda popular de uma grande capital, procura animar um pouco mais aquella semsaboria. Mas tem que transgredir as ordem policiaes. E os cavalheiros procuram a excentricidade nos pasteis de nata do Marques, que atiram ás metades para durarem mais tempo.

E o cortejo funebre dos carros continua, a ponto d'um francez perguntar se aquillo é algum enterro para o Père Lachaise? Os agentes da auctoridade mantem a ordem, aborrecidissimos, pensando no seu jantar e mãos finas e ordinarias vão apanhando do chão, saquinhos e raminhos *fanés*, com restos de pó e de cavallo! No dia seguinte os jornaes affirmam que este carnaval foi mais animado que o do anno passado. Oh! senhores, ao menos venham os tremoços e as cocotes, de areia e papel de seda comprehende-se.

Deixem fazer gente cega e nodoas negras no corpo! Para que serve o Gama Pinto e a arnica nas pharmacias?

HUMBERTO DE LUNA



RECEIOS

A FINAL de contas o senhor Theophilo Braga sahiu-nos um conservador d'alto lá com o guarda chuva!

Ha dias, procurado por uma commissão de feministas que reclamava entre outros direitos o da entrada na Academia das Sciencias, o illustre presidente respondeu:

— Lá quanto ao resto, estou de accordo, mas a entrada na Academia acho perigoso.

-- Perigoso? Pergunta a *chefa*.

— Sim, perigoso; a entrada de mulheres póde fazer com que os membros se levantem, e depois?

Safa! Já é ser conservador!

Elle e os outros.



Entre inimigos politicos

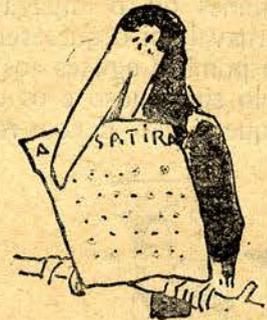
— Afinal porque conservam ainda os sellos da monarchia?

— E' para obrigarem o D. Manuel a adherir.

Saias ou calças

« A Satira » protesta energicamente contra o habito grotesco de chamar saia, ao que só se deve chamar calça. Saia-calça é um disparate. Ou é saia ou é calça.

Saia-calça não se entende se não quando *saia* seja verbo. Assim sim; e até gostamos mais.



Ensino racional

O professor para o alumno, em frente d'um eucalipto:

— Como se chama esta arvore?

O alumno, moita.

O professor explicando:

— Eu... calipto.

O alumno repetindo:

— O senhor calipto.



MEDIDAS SANITARIAS—O Guarda :— O que é que bocê tem ali na cara ?
— Isto é avariose, mas com o 606 desaparece n'um instante.
— Então é provisoria, até ás constituintes ?... Tá bem.

Des. de Carvalhaes.

Ditos doutos & Graça grossa

Alguem perguntou:

— Que se devia fazer ao Alvaro Chagas, José d'Azevedo e Azevedo Coutinho, fuzila-los?



Resposta:

— Não, bastava prendê-los... mais curto.

No Arsenal foi vendida em hasta publica uma *Rainha de Portugal*. Se fosse um rei, seria vendido... em hastes limpas.

Discute-se o direito de voto ás mulheres.

— Isso seria um perigo.

— Porquê?

— Porque ha muitas *thalassas* e podiamos perder as eleições.

— Isso sim, cá estavamos nós para as *cobrir* em maioria.

Para diffamar a Republica vae, no estrangeiro, o Alvaro Pinheiro Chagas, montar uma fabrica de notas... falsas de um lisboeta.

Assim que sair a reforma da policia sanitaria, malta inventada para a multa, o Lacerda irá á... procura do homem-macaco.

Comentario:

O Manuel II, não se contentando em perder o reino, na hora da fuga, ainda perdeu o *imperio* sobre si.

Na commissão encarregada do inquerito á decadencia do theatro, estão dois Bentos. E' o que se chama uma commissão *benta*, benza-a Deus.

O Faustino da Fonseca, que em tempos deu á luz... da ribalta *Beijos por lagrimas*, anda agora a dar, pelos cafés, *Beijos de burro*.

A minha graça:

— Quando estive em Africa tive a dita de vêr um cavallo marinho.

— Que grande coisa! o meu irmão tem lá dois em casa.

— !!? Mas que diabo julgas tu o que é um cavallo marinho?

— Uma bengala...



Cumulo:

Um naufrago morrer queimado no lume... d'agua.

C. S.

N'UM ELECTRICO

A velhota para o conductor:

— Eu disse-lhe para tocar n'aquella paragem-zirha. Porque não tocou?

— Porque era paragem zona.

PARA USO INTERNO



JOAQUIM GUERREIRO

Director de «A Satira»

INTERVIEWS

A proposito da syndicancia ao Nacional, o «Seculo» hesitando, na questão de competencia, sobre quem havia de entrevistar, decidiu-se pela ordem alphabetica.

Assim, começou por colher as opiniões pela letra A, procurando a sr.^a D. Adelina Abranches, e os srs. Antonio Pinheiro, Augusto Rosa e Augusto de Castro.

A nosso vêr, fez mal começando pelo principio do alphabeto. Se começa pelo fim e vae direito ao Zê, tinha acertado. E' elle quem ainda pôde dizer alguma coisa sobre o assumpto, e resolvel-o com mais facilidade.

Novo mineral

A «Limia», revista de letras, sciencias e artes que se publica em Vianna do Castello, noticia a descoberta d'um mineral extraordinario, composto de corpos raros. O que é curioso é que o mineral apresenta-se sob a forma d'uma pomba. E' isto o que se deprehe de das seguintes palavras da noticia: ... «Encontrado no estado de Espirito Santo (Brazil)».



Des. de Eduardo Schultz.

A «ultima» do Seabra da Quinta da Princeza

Um dia d'estes a «Satyra» encontrou o Seabra.

— ... e então sr. Seabra, já adherio?

--Pois está claro, illustre cidadã, e tanto assim que já mudei o nome dr minha quinta!

—?!...

—Passa a chamar-se: Quinta da Filha do Presidente da Republica!

o tempo por aqui e por alli em cumprimentos ou em ditos pandegos dum repertorio de barbeiro. Depois de jantar vae vêr as novidades litterarias e acha-as esplendidas de fôrma, promettedoras de talento, confirmativas de genio, plenas de inspiração, etc., etc.

A' noite vae ao theatro gosar um praser espirital, admirar a arte.

Gosta de actrizes que em gestos canalhas mostram as pernas torneadas, e dá palmas e pede *bis* ás piadinhas picantes que os revisteiros impingem.

E finalmente, antes de se deitar, vae ás redacções dos Jornaes estafar uma infinidade de adjectivos em convivio com os gazetilheiros na feitura do *Noticiario*, do *High-life* e das *Criticas*, consagrando poeta maximo um cretino qualquer que se armou em phonographo de alexandrincs huguescos e consumado artista um saltimbanco reles que a *claque* palmeou sem pudor; appellidando de benemerito o malandro refinadissimo que fez uma escola na aldeia onde nasceu para engrossar o nome, e no Brasil roubou *honradamente* uns magros centos de mil réis para o fazerem conselheiro, e chamando esperançoso a quanto imbecil se lembrou de escrever e colligir parvoices á guiza de romance, de estudo ou de outra qualquer coisa.

A's vezes põe chapéu alto, calça bota de polimento e apresenta-se enlulado e *chic* para acompanhar alguem que muito o estima.

E a sua notabilidade pulha accentua-se na polidez de bandalho. Enerva e faz nojo.

Chama se, então, o elogio mutuo.

Goisas e Loisas

O ELOGIO

VOSSELENCIAS conhecem-n'o? Por certo que sim. E' um *scroc* immoral que tem arranjado a vida neste paiz lendario de sentimentalismos piegas e cerebrações balofas. Delle lança mão quem quer subir sem olhar a meios. Vemo lo por essas redacções requerer reclames baratos e referencias indecentes de generosidade pifia. Salta como um arlequim e berra como um doido mau. Umaz vezes aperta-se numa casaca de commendador bacalhoeiro, outras esconde-se sob o casaco plebeu. Disfarça-se e pinta-se. Põe monoculo e curva-se ante aristocracias pelintras.

E' *habitué* dos salões ricos dos intellectuaes aburguesados, mas frequenta tambem as aguas furtadas miseraveis dos artistas.

Ora allivia o sobreceño carregado dum critico ridiculamente solemne, ora atira um sorrisinho bom para os labios carnudos do jornalista parvo. Entra em toda a parte como a graxa para as botinas cossadas de enfatuados janotas.

*

Sae de casa pela manhã para ir almoçar á pastelaria visinha e ainda que não haja freguezes elle vê sempre extraordinaria concorrencia. Paga o almoço com um galanteio chulo e segue em prosapias grossas. Até ao jantar passa

A MODA

Oh! a moda... a moda...

Não ha nada mais delicioso. A moda!...
Annuncia-se para breve a moda das calças nas senhoras. Pois que lh'as ponham. Ha-de ser optimo ouvi-las dizer aos maridos.

— O' João prega-me aqui um botão na berguilha.

Oh! a moda... a moda... Deliciosa.

Uma senhora das nossas relações, proprietaria e negociante de carnes por atacado (por atacado, por que anda sempre de espartilho) está satisfeitissima. — Agora, diz ella — cada uma apresenta o que tem. Acabaram-se os postigos. Com calções é impossivel disfarçar defeitos, deficiencias phisicas. Nós chegávamos a ser postas em segundo lugar, nós as mulheres perfectas, sem algodões, sem postigos, sem chumaços... Agora havemos de vê-las emmagrecer d'um dia para o outro.

Bravo! Viva a moda.

Tem razão a respeitavel senhora.

Era realmente triste o que se passava. Ia a gente por



uma rua, e adiante de nós, no rigor do figurino uma elegante, a que não víamos a cara.

Por traz uma soberba, uma harmoniosa correcção de linhas e contornos.

Olhávamos bem de perto. Era uma maravilha. Não havia duvida; estava alli uma authentica elegancia. Eranos fiel o nosso olho de observador, porém, (triste é dizê-lo) era uma illusão d'optica aquella curva encantadora!



Cada qual no seu officio

O conductor, meio afogueado, abanando as mãos no ar:

— O senhor que bilhete quer?

Ainda embriagado, olhos perdidos no vago, o passageiro não responde.

— O senhor quer bilhete?

E então, n'uma como recordação, o bebedor estendeu um grande gesto:

— Venha um... « Branco »!

Imperturbavelmente, o conductor cortou um bilhete de 30 réis!



Paradoxo

Um sujeito bate a uma porta:

— E' aqui o Centro da Moda?

Uma voz:

— O centro é ao lado.

Na Praça da Figueira

— Então, senhora Mónica, diz que o governo vae separar a Igreja do Estado. V. sabe como é que elles fazem isso?

— O mê home diz que agarram cá no nosso prior e que o separam da ama.

— E atão?

— E atão ficam separados.

— Não entendo.

— O' mulher de Deus, agarram no prior que é a Igreja e separam-no da ama que é o Estado... interessante.

— Ah! já compr'hendo; e depois?

— Depois o governo põe os padres por conta, dá-lhes uma pensão e não consente que estejam de porta aberta a dizer missa. Olhe, senhora Rosa, é o mesmo que vão fazer ás mulheres perdidas. Tambem as vão separar.

— Mas de quê, senhora Mónica?

— Das egrejinhas, que são as casas onde ellas móram, e elles atão separam-n'as das egrejinhas, porque ellas estão n'um estado... desgraçado...

— E depois?

— Depois quem quizer dizer missa tem que ter capella em casa. Isto agora é tudo assim. V. não vê o que elles fizeram ás pobres irmãs, que tambem as separaram do Estado religioso, e dos religiosos em Estado de... borracha.

— E' a mania da separação...

— E' sim, senhora.

— Ah! agora percebo por que o meu marido tem o horror da separação. Hontem á noite elle estava mesmo furioso.

— Houve alguma novidade, senhora Rosa?

— Se houve. E agora é que eu percebo a razão porque elle gritava: — O' Rosa se páras mato-te. Era por causa de não se parar!... Até amanhã, senhora Mónica.

— Adeus senhora Rosa, boa tarde.



BASTA DE ELOGIOS

A sensação que a « Satira » produziu no estrangeiro, aonde a republica levou, com os conselheiros foragidos, a novidade de que Portugal não pertencia á Hespanha, manifestou-se pelo numero de cartas, telegrammas e radio-ditos que nos atulham as secretarias Luiz XV, os buffetes Luiz XVI e as cadeiras Henrique II da nossa redacção, administração, typographia e *garage*.

Aparte as linguas, estylo e som da distancia, todas as nações perguntam: Que tal a Republica?

Ora a « Satyra » não é um jornal *blagueur*. Ri-se, é verdade, mas, discretamente, convenientemente.

Foi isso que promettemos ao snr. Theophilo Braga quando nos confiou a alta missão de ajudar a salvar a patria. Pensámos na resposta mas isto de pensar é uma coisa que pertence ás constituintes e portanto tomámos uma resolução. Descemos á garage que fica no 3.º andar, vestimos o sobretudo e deslisámos n'um *auto-lá* com elle Magdalena abaixo, resolvidos a pôr-nos em contacto com todas as camadas sociaes.

No Terreiro do Paço encontrámos um antigo deputado, Bebia um capilé. Approximámo-nos declinando a nossa qualidade.

Sua *ex-Ex.ª* recebeu-nos cordealmente, mastigando a casquinha de limão. Explicado o fim da abordagem o nosso homem disse com magua fresca ou capilé:

— A Republica, meu amigo, foi uma calamidade!

— Para V. Ex.ª?

— Para todos. Ora imagine: eu que nunca soube o que eram necessidades senão da banda de dentro, eu que de real na vida só conhecia o artificial e o menos que dispndia era uma corôa, vejo-me obrigado a trabalhar n'um só emprego quando em 7 nunca fiz coisa alguma, e a ganhar para comer, eu... que comia, para ganhar! Como posso dar vivas á Republica e ao governo provisório?

Para mais o adhesivo, já não pega! Foi uma calamidade!

Despedimo-nos. O illustre descontente, mandou vir outro capilé mas d'esta vez sem calda.

Rua do Oiro acima detivemos uma dama da alta. Estava muito em baixo. Mais velha, sem pós d'arroz, macilenta.

Então D. Celia! Que tal com a nova fôrma de governo?

Ora! Não deixa a gente governar-se!

— Antigamente, quando eu estava com o Felix, o sub-secretario, vestia do Paris em Lisboa, usava chapéu da Rembado e calçava-me do Coimbra.

Ah! bons tempos!

— Tinha fortuna elle?

— Immensa! Até darem por isso.

Depois foi um azar. Veio a egualdade e a fraternidade cortou-lhe as unhas... e os empregos!

— Quantos tinha?

— 12! Quem me pagava ao sapateiro era o cofre de Beneficencia das Irmasinhas descalças.

— E agora?

— Agora, terei de trabalhar. Ahi tem a belleza da Republica a quem todos festejam e dão vivas!

Tout Passe! Tout casse et Tout lasse!

— Ora tolice!

— *Tout lasse! Tout lasse!* E eu que o diga!

Affastamo-nos contristados.

Verdades como punhos! Punhos? Collarinhos e peitinhos! Um verdadeiro armazem de roupa branca!

Um sacerdote descia o Chiado cabisbaixo, passeiando o olhar seraphico pelas circumvisinhanças pacificas, lembrando-se de que o diabo havia disparado uma tranca.

Acercámo-nos. O reverendo, assustado, deu a sua palavra que não collaborava na « Palavra » e, foi apenas quando viu o nosso aspecto e o nosso cartão a oiro com embutidos que se dispoz a escutar-nos.

— O Reverendo tem alguma opinião acêrca da Republica?

— Varias; disse o tonsurado; e todas contra. — O padre é um commerciante como outro qualquer. Não tem porta mas tem corôa aberta.

Não faz vendas, mas põe-n'as. Não dá *bonus*, mas dá *bulas*, embora não *mêça* diz *missa* e se não *negocia por atacado*, *ataca por negocio*.

Separaram-nos do *Estado* por este não estar para nos manter e ligam-nos a outro *estado* para nos collocarem em peor estado.

— Então não adheriu?

Já era prior collado e o que me custa não é adherir é a descollar-me.

— Então a Republica...

— Que satanaz a confunda! E aos heroes da Rotunda! Viva amigo! e seguiu resmungando.

— No largo das duas Igrejas estava um magote, onde ferviam dois policias.

— Era um rufia que tinha roubado o relógio a um transeunte (isto dos transeuntes andarem de relógio é o que tem).

Um policia, delicadamente:

— O cavalheiro tem a bondade, acompanha-nos?

— Não vou! Isto agora é outro cantar! *Estemos* em Republica!

O policia: — Pois é exactamente por isso! Venha.

— Hom'essa! Ora ahi está! Afinal é tudo a mesma *cambada!*

Intigamente alimpavamos carteiras e eramos *engavetados*.

Agora por dá cá aquelle relógio vamos na montra!

Abaixo a Republica!

— A *Chica dos Caracoes*, passando:

— Abaixo! que nem ao menos deixam a gente governar a vida!

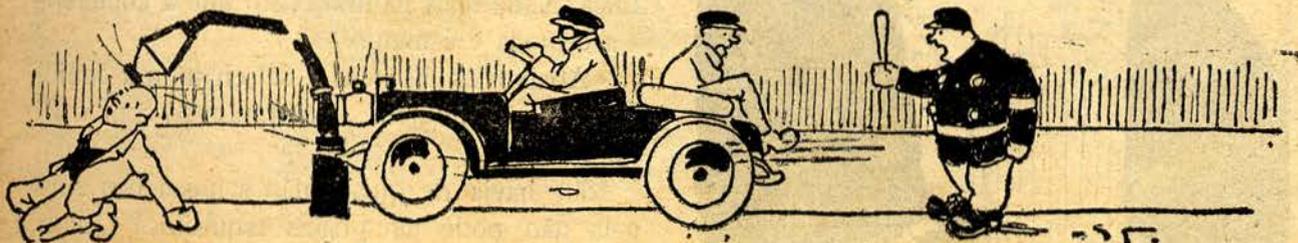
Voltamos á redacção com o espirito acabrunhado.

Decedidamente a Republica não era o *Ideal* Quando muito um *Zig-Zag* em que se embrulhavam tantas opiniões diversas.

A esta hora correm pelos fios e ondas Hertzianas todas essas entrevistas que ahi deixamos

Se passados 8 dias a Republica Portugueza não estiver desacreditada no estrangeiro, cortamos as relações com o Governo Provisorio e pedimos a demissão de salvadores da Patria.

Ou bem que s'atira, ou que não *satira*.



FEMINISTAS

Não ha duvida. O feminismo faz progressos.

Nós julgávamos que as mulheres só queriam invadir as attribuições dos homens, mas, segundo vemos, querem tambem entrar pelas attribuições do mobiliario. Já ha uma mulher que quer ser, imaginem o quê! — secretária!...

Por este andar, nada nos admira que qualquer dia, as mulheres pretendam ser cama á franceza, *chaise-longue*, cadeira com espaldar de coiro, commoda com embutidos, e até, quem sabe, meza de cabeceira.

Ha de ser deveras interessante d'aqui por pouco tempo, ouvir ahi em qualquer animatographo conversas como esta:

— Adeus, Mimi, tás tu?

— Ah! ando aborrecidissima. Imagina que meu marido quer pôr-me uma fechadura.

— O' filha, mas que disparate...

— Ah! esquecia-me dizer-te: é que eu sou secretária.

— Secretária?...

— Sim, e o meu marido atafulha-me toda, enche-me de papeis, de paus de lacre, de canetas, de borrachas, e depois não quer que eu deite nada cá para fóra. Pois eu já não levo mais...

— Que engraçado... Ora eu sou meza de pé de gallo e o meu primo cadete, que tem a mania do espiritismo, anda todo o dia a agarrar-me e a gritar — Mexe-te, mexe te mais, mais ainda O' filha, assim estafas-me e nada. Anda, dá umas pancadinhas que eu estou invocando o espirito de Rablais.



Um Feio... Terenes

— Interessante! diz a Fifi, que tem estado calçada. Pois eu sou tripé, d'estes em que se põem vasos de flôres, mas já lá tenho o vaso ha immenso tempo, e o Mario ainda me não deu um feto que me prometeu ha mais de dez mezes. Parece-me que vou pedir a transferencia para banco da Avenida. Ao menos terei serviço.

— Ah! acode a Mimi, pede antes para te nomearem Chica dos Cadetes. E' o mesmo.



Angela Pinto

Angela Pinto fez uma conferencia no Republica. Nada mais natural, visto que a conferencia é moda e é mania.

« Abaixo os homens » se chamou a conferencia, e os homens apavoraram-se com o titulo.

Não havia de quê. Então a nossa boa Angela não pôde ter gostos esquisitos? Quem tiver mêdo que fuja.



BRINCADEIRA D'ENTRUDO



A MONARCHIA DESMASCARADA

F. Valença

19 Fev. 1911

Des. de F. Valença

ROMANCISTA MODERNO

DAMOS hoje aos nossos leitores um excerpto do precioso romance do sr. João Maria Sevilha, em que este illustre escriptor manifesta as altísimas aptidões do seu espirito:

O que elle diz :

.....
Anna Clara, depois de um pequeno compasso, levantou os olhos e disse a Roberto :

— Sou tua e hei-de estampilha toda a vida.

Roberto retorquiu-lhe :

— Pois eu, meu amor, dou-te o meu orgam muscular ôco, de fórmula cornica, agente principal da circulação do sangue, que é o grande vaso antigo para agua do meu amor. Sou teu e hei-de estampilha toda a vida tambem.

Produziu-se um silencio cujo fundo está longe da superficie.

Pelo branco-corpo fluctuante para marcar um logar ou para prender a ancora, entrava a cigarros de luxo a primeira claridade da manhã!

N'isto deram começo a subir á atmospherá, pequenas e grandes canas delgadas e esguias, ao alto das quaes se prendiam bombas, a que o povo na sua ignorancia crassa, costuma chamar foguetes.

.....

O que elle queria dizer :

.....
Anna Clara, depois d'uma pequena pausa, levantou os olhos e disse a Roberto :

— Sou tua e hei-de sê-lo toda a vida.

Roberto respondeu-lhe :

— Pois eu, meu amor, dou-te o meu coração, que é a urna do meu amor.

«Sou teu e hei-de se-lo toda a vida tambem.

Produziu-se um silencio profundo. Pela clara-boia entrava a jorros a primeira claridade da manhã.»

N'isto começaram a subir foguetes ao ar.

.....



Entre amigas

— Então? que tal te dás com o teu marido novo?

— Marido novo!... Tem 68 annos e nega-se a levar-me aos animatographos...



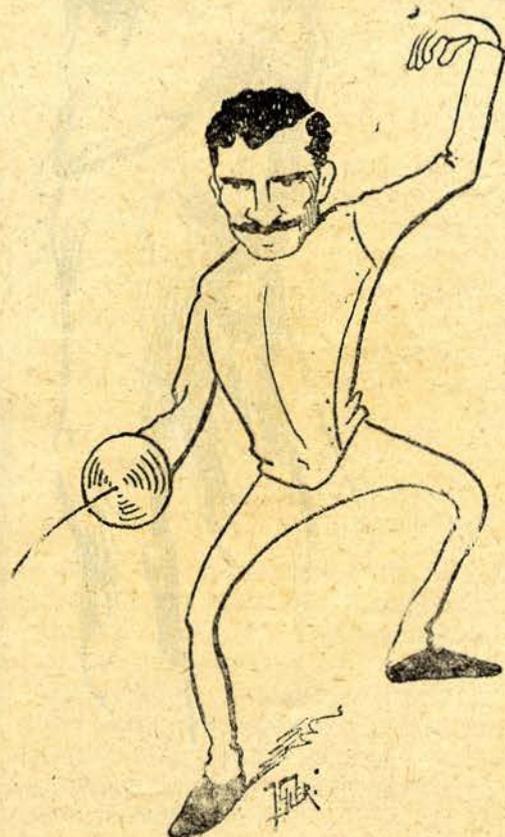
— Gosta da minha *echarpe*, senhor Mello? Foi mandada vir expressamente de Paris.

— De Paris em Lisboa, não, minha senhora?...

PARA USO INTERNO



SALOMAO GUERREIRO
Administrador de «A Satira»



SEBASTIAO HEREDIA — Eh! Touché ..

AS GRÉVES



— Para nós, afinal qual foi o resultado das gréves?
— Ora, mais alguns dias de fome...

Des. de Saavedra.

AMOR DE PANÇA

CREIO que toda a gente conhece os namoros alfacinhas. E' vulgarissimo topá-los por ahi, em qualquer banda, atravancando os passeios, e gosando o privilegio de não pagarem imposto. *Ella*, quer viva no primeiro ou no quarto, espicha o torso por uma das ventanas do predio, e queda-se em angulo recto horas inteiras a palrar com elle. *Elle*, por sua vez, logo que chega levanta a gola do casacão, repucha as «boas noites» revirase, espeta as ventas no ar, e assim todo retorcido fica-se n'um prodigioso angulo obtuso horas e horas a palrar com ella.

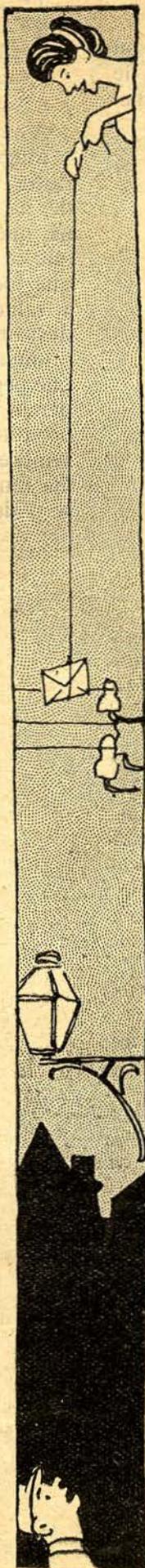
Ora, eu suppuz sempre que estes pacientes sujeitinhos aparavam da moça, nas horas de arrulho, tezas palavras de folhetim, repenicados suspiros. Toda a vida julguei que ellas ferrassem da janella para baixo as mais delambidas alcunhas, taes como, «ratazana da minh'alma», «meu idolatrado bijou», «meu satellite adorado». E natural seria tambem que o mancebo amorudo, posto por debaixo da sua dama e senhora (salvo seja!) se derretesse em ternuras, prégasse um palavriado macio, gemesse com certa meiguice, e que uma ou outra vez, espetasse uma parelha de coices, r. linchando, para assim provar que n'elle existia, a par de muito amôr, essa rija brutalidade que é o apanagio dos machos e de que as mulheres tanto gostam.

E por taes motivos, das vezes que esbarrava com algum senhor, todo revirado para um terceiro andar a dizer coisas, veloz corria para o passeio contrario, não fosse a minha passagem empatar o idyllo sobrenatural d'aquellas creaturas. Acaso tinha jus, com o ruido forte dos meus tações, a calar aquellas alminhas que nem chuva, nem vento rijo, nem frio de esgallar conseguem desprender? Oh! não!

Mas ha dias n'uma rua desgarrada, para as bandas quietas da Estrella não me contive e pratiquei uma indiscripção taluda, irremediavel. Por via d'ella baquearam formidavelmente as minhas illusões e os meus desejos de gramar um dia o goso e dita de possuir uma senhora d'essas a espichar-se na janella só para mim. E hoje, ao roçar por qualquer namoro, logo fujo, de mão tapando a penca.

Eis o motivo!

Imaginem que ha uma corja de dias, n'uma d'estas noites de frio siberiano, para aqueantar os pés, metti-me a andar á tôa pela cidade e fui parar á Estrella ou coisa que o valha. Dobrava uma esquina em longas pernadas, quando ouvi na meia



sombra um vozeirão de tragedia, cavo e secco, interrogar:

— E de que foi, de que foi?...

Estaquei. Um arrepio de pavor deslizou-me pela espinha. Oh! quão timido fiquei n'aquelle instante! Aquella pergunta... aquella voz... E quando estava prestes a começar as mil conjecturas que é de uzo fazer n'estas occasiões, vi-me em frente de um namoro. A curiosidade picou-me, e com passo brando, mergulhado no mysterio d'aquelle pergunta, eu quiz ouvir que resposta, que transcendentel palavras, que assucarados pronomes entornaria de cima, aquella bocca fresca de namorada.

De novo presistiu o vozeirão, agora com um accento afiado:

— Mas de que foi?

E logo ella de cima contestou á inygmatica pergunta, com uma voz muito explicada e dengosa de menina gorda:

— Foi de citrato de magnesia, meu amor...

AUGUSTO PINTO.



Entre saloios

— O remedio deu-te resultado?

— Nenhum.

— Hom'essa, eu tomei dois vidros e fiquei bom.

— Ah! mas eu tomei só o remedio...



No Centenario de Camões

POR occasião do centenario camoneano, os escritores e poetas brasileiros promoveram a publicação de um album com escritos allusivos ao grande poeta português. Um poeta satirico, de chistosa veia, convidado a collaborar n'essa publicação, traduziu na seguinte quadra a sua admiração pelo glorioso cantor dos «Lusiadas»:

Camões — poeta zarolho,
Foi um vate português
Que via mais por um olho
Do que nós por todos três!

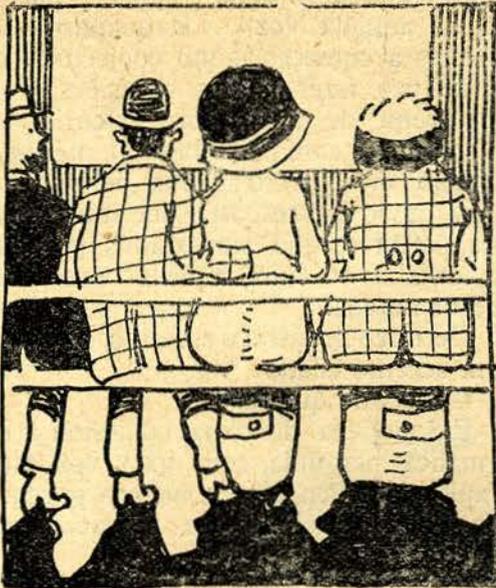
A quadra não foi admittida, mas divulgada por um indiscreto, tornou se conhecida dos litteratos brasileiros, que a apreciaram devidamente.

Os leitores da «Satira» estimarão por certo ficar conhecendo esse primor de graça, que é ao mesmo tempo uma verdadeira homenagem ao égregio épico da epopeia nacional.

DOMINÓ BRANCO.

CINEMAS

ANTIGAMENTE todos os dias da semana eram eguaes, excepto o domingo que era de descanso. Agora não. Os dias são todos diffe-



rentes. Antigamente havia a sexta feira que era dia de jejum, agora ha dias que são elegantes e dias que o não são. Ha cinemas onde só se póde ser elegante á sexta feira.

E' a elegancia marcada pelo calendario.

Quem fôr, por exemplo, ao Chiado Terrasse, á quarta ou quinta-feira, póde descender de Afonso Henriques ou do snr. Marquez de Val-Flôr, (José Constantino) que, desde logo passa a ser filho, neto ou bisneto de qualquer mercieiro. E vice-versa.

A filha do meu mercieiro vae á sexta á soirée elegante, e logo, o pae deixa de vender assucar e bacalhau; e ella sobe, é promovida a elegante. Aprende um bocado de calão e entra na alta, ainda que more na baixa.

Uma toilette da Gandon, á segunda-feira no Central, parece um reles vestido de chita de seis vintens o metro.

O Chabi, no Salão da Trindade á quinta é o mais elegante, esbelto e flexuoso mancebo que a electricidade allumia, assim como o Zé Perestrello, no mesmo Salão n'outro dia qualquer, é a mais deselegante, a mais obesa, a mais pezada creatura d'este mundo.

Porquê? Questão de dia... apenas.

De um sabemos nós que era maneta e fui ao Chiado Terrasse na ultima sexta-feira em vez de ir a Lourdes.

Veiu de lá com dois braços. Sahiu-lhe o milagre barato.

Dois tostões apenas.

As empresas então são d'uma gentileza desmedida. Dão tambem fitas chics, elegantes, n'aquelles dias. O programma é geralmente assim:

- 1.º — Uma scena d'adulterio.
- 2.º — Marido enganado.
- 3.º — Mulher infiel.

4.º — Facada no matrimonio.

5.º — Um par...

6.º — Atraiçoado.

7.º — Mulher adúltera.

8.º — Magdalena arrependida.

A moralidade, segundo o costume, vem no fim.

Magdalena arrepende-se. Mas, o que é curioso, é que enquanto Magdalena se arrepende, ha gente que tanto se commove com a scena, que vae arranjando tambem alguma coisa de que se arrepender. Do que não ha duvida é de que toda a gente se commove e chora. E' vêr a sahida. Vem tudo d'olhos humidos, olhar desvairado, tremulo de commoção, um pavôr!...

Quer dizer, o cinematographo é moda, e moda que pegou, principalmente se as empresas acederem ao pedido que lhe fizeram para que, no programma, e deante de cada fita ponham sempre estas indicações. Fita escura, fita clara, fita muito escura, fita que não se parte, fita que se póde partir, etc.

Marcellino Mesquita



Margarida quando passa
Leva saias d'algodão
Mas não tem nenhuma graça:
Quando ri e quando passa
Leva applausos de tacão.



A CONDESSA

Ha dias encontrei uma condessa,
Typo chic d'ingleza do bom tom.
Tinha um ar de gaiata, de travessa,
Chamava-se Clarisse e tinha Dom.

Vestia pela moda de Pariz
E punha com *aplomb* um panamá.
Só sabia dizer *Poudre de riz*
E fallar de embaixadas e do Scha.

Cercavam-n'a viscondes de *si mesmo*,
Fallando em pretos, roças e café,
Atirando anexins, ditos a esmo
E por vezes fungando bom rapé.

Estatico parei, scismando, ao vê-la
Em quem seria aquella titular.
E n'isto o bom visconde Sá Penella
Approximou-se lesto p'ra explicar.

— E' a condessa di X qui tem milhão,
Cujo marido fez fortuna em cuco.
— E quando parte? perguntei então.
— Dentro em breve si vai no Pernambuco.

Prometteu-me o visconde apresentar-me
Dizendo que era dada aquella moça.
Confessei-me poeta: foi um alarme!
— Que bello era ir você na roça.

Elle era muito affeito ás bellas artes
E tinha uma paixão pelos despiques.
Já tinha escripto um livro em quatro partes
A'cerca da montagem de alambiques.

Fiz-lhe promessas varias, d'olho fito
Na plastica soberba da condessa.
— Vou com Vossencia até p'ra o infinito
P'ra qualquer parte que a condessa peça.

Sentia-se feliz o bom visconde
Agitando a bengala de bambú.
Foi tal a animação que d'onde aonde
Sem querer nos tratavamos por tu.

Depois apr. sentou-me sem demora:
— A Sinhóra condessa di Bárroca.
Já tem muito milhão e espera agora
Augmentar a fortuna em tapioca.

De.fiz-me em galanteios á condessa



E ao defuncto marido que Deus tem;
E ella apenas dizia — Ora essa,
Qui moço p'ra fallar depressa e bem.

Pouco depois para não ser mesquinha
E mostrar seu peculio grande e farto,
Altivamente disse-me que tinha
— Um bom vaso di cama em cada quarto.

ABEL MORENO.

906. Coimbra.



Rotunda da chalaça

HA dias foram presos uns meninos sob a acusação de estarem na rua do Cabo a tratarem de dar cabo da Republica.

Afinal descobriu-se que os jovens « rebentos » se dedicavam apenas ao estudo de sciencias occultas.

Como no nosso dictionario « occultar » é « esconder » calculamos para o que os jovens se reuniam tão secretamente.

Para o jogo das escondidas.



Consta que os ferrageiros vão fazer uma grandiosa manifestação ao snr. ministro do interior.

Com toda a razão.

Não se calcula a enorme porção de serrotes, machados e picaretas que se teem vendido ultimamente !

O povo previne-se para quando entrar em vigor a lei do pão duro que manda fechar as padarias ás 11 horas da manhã de domingo para só abrirem ás 11 de segunda-feira.

Está claro que quem quiser comer o rico pãosinho á segunda antes da 11 da manhã tem de serral-o ou partil-o como a lenha.

Nós compramos um alguidar e pomos o pão de molho...

Uns ricos e felizes tabaqueiros querem as tabacarias fechadas aos domingos com a prohibição de os outros estabelecimentos venderem tabaco.

Os donos de casas pobres que precisam de ganhar a vida estão fulos e protestam com razão.

Afinal parece-nos que isso de prohibir que ao domingo qualquer cachimbo dê a sua fumaça não entra no programma de Liberdade, Egualdade e Fraternidade.

Nos tempos da monarchia, pelo menos, não entrava.

E'... arte nova.

O nobre Marquez de Soveral deve ao Estado quatro contos e pico de direitos de mercê.

Affirma-se que vae ser intimado a pagar.

Afinal é de suppor que a Santa Benevolencia provisoria se metta de permeio e fique tudo em citações *provisorias* sem pagamento alguns definitivos.

Verão.

O sargento Gonzaga de artilharia provou no « Mundo » que trabalhou immenso para a revolta de 5 de outubro e que nada lhe deram.

Mas ó menino é precisamente isso o reconhecimento dos seus serviços.

Os que não trabalhavam ou foram sempre uns thalassas de marca é que abicharam alguma cousa.

Os outros ficaram com a gloria !

Um jornal indigna-se porque um anonymo *apostolado da oração* anda distribuindo folhas soltas incitando os fieis á compra de bentinho, resas e outras fantochadas.

Deixe lá viver quem vive !

Aquella distribuição gratuita das taes folhas soltas é até muito util.

Ha occasiões criticas em que um bocadinho de papel macio presta optimo serviço a quem não fôr porcalhão.

ORLANDO.

PARA USO INTERNO



ALFREDO FRANÇA

Redactor

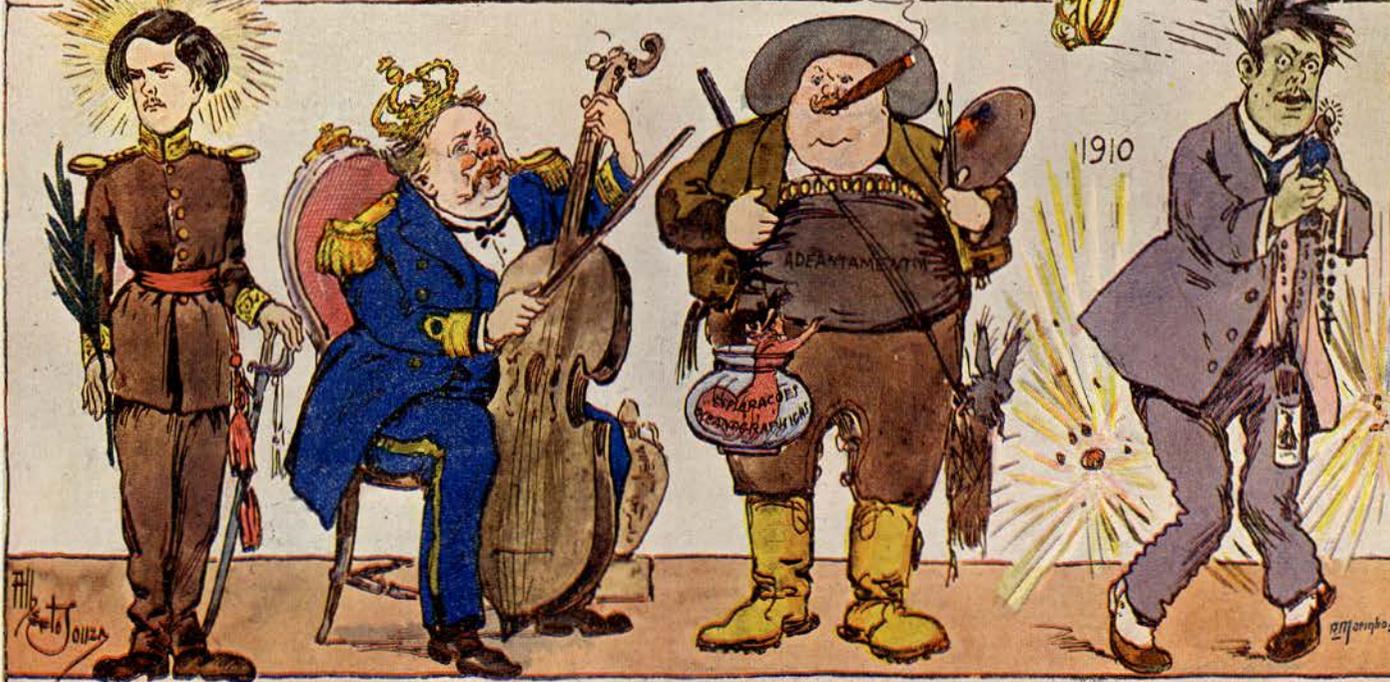
1640 OS BRAGANÇAS 1910



JOÃO IV AFFONSO VI PEDRO II JOÃO V JOSÉ I



MARIA I JOÃO VI MIGUEL I PEDRO IV MARIA II



PEDRO V LUIZ I CARLOS I MANUEL II

Entrevista com o cidadão Amor da Patria

POR ALGUNHA "O FRONTÃO"

NA *Satira* encarregaram-me de entrevistar qual-quer coisa inanimada. Dando tratos á imaginação tratei de procurar a *coisa*. Via muitas mas não me agradavam, porque, espremidas, não davam nada. Emfim!

Até que encontrei uma que, sendo bem espremada, sempre havia de dar alguma coisa.

Foi o « Amor da Patria », vulgo o « Frontão ». Isto de amor sempre foi assumpto que, quanto mais se espreme e se esprime, mais sumo deita.

A prova é que já deu para fazer a pomada *Amor*, que decerto V. Ex.^{as} conhecem.

Ora eu, assim que agarrei o « Amor da Patria » já não o larguei, apesar de me terem depois apparecido outras coisas tentadoras. E d'ahi, lá diz o dictado: Mais vale um passaro... bisnau na mão que dois a voar.

Foi ao *clair de la lune*, que eu tive a fortuna de entrevistar aquella *figura saliente* do nosso municipio. O largo do Pelourinho, tão transitado de dia, é, á noite, um deserto tornando-se um optimo local para entrevistas... amorosas.

Devido á timidez que me opprime quando tenho de fallar com *peessoas altamente collocadas*, foi com certo embaraço... gastrico e fazendo das tripas coração, que me dirigi ao « Amor da Patria ».

Ganhei coragem e berrei:

— O' senhor « Amor ».

— Que é que quer?

— Quería entrar...

— Não vê que está o portão fechado? Além de que eu não sou guarda-portão, nem tenho chave que sirva n'essa fechadura.

— Perdão, eu desejava entrar em conversação com V. Ex.^a

— Ah! Então pôde entrar. Mas não esteja a estragar as guellas n'esse berreiro. Espere um pouco, que eu já lhe atiro o canudo.

Quando ouvi fallar no canudo, tive um gesto de surpresa, que não passou despercebido ao « Amor ».

— Não se assuste que não é nenhum ferro em braza...

Momentos depois, cahia-me aos pés um canudo de canna, agarrado a um cordel.

Era um telephone d'aquelles que as meninas dos quartos andares possuem, para uso externo do coração e que serve de traço de união entre ellas e os derriços.

Peguei no canudo e levei-o ao ouvido.

— Está lá? perguntou.

— Estou, sim senhor.

— Então de que se trata?

— De uma revista...

— Do anno?

— Não senhor, mensal, da *Satira*.

— Ah! já sei. Vi o primeiro numero; vinha de aqui...

— D'onde?

— Do brinquinho da orelha, de onde julgava que era? Mas em que posso interessar essa interessante publicação?

— Sobre coisas da *alface*.

— Da *alface*? Mas eu não sou grilo.

— Perdão, refiro-me á nossa Lisboa. Desejo a sua opinião acerca de coisas municipaes.

— A's suas ordens.

— Diga-me, senhor « Amor », que pensa acerca das carnes congeladas?

— Que foi a *vaca fria* de numerosas sessões.

— Parece-lhe que isso pegará no mercado?

— De inverno não me cheira.

— Lá para o verão, sim. Como é *carne fresca* deve vender-se muita. Creio mesmo que deve tirar a direita ás carapinhadas. Para refrescar todos comerão um bife gelado.

— Então pelo que vejo é pelas *carnes frias*? Acha que vale a pena importá-las?

— Então não vale, que o diga o Miranda do Valle.

— Acerca da Companhia dos Electricos o que me conta?

— Que foi coisa que deu sessões, com enchentes á cunha... e Costa. Agora é questão posta de conserva, desde que elle se fez conservador.

Hoje falla... só em seu nome.

Tambem, antes só... que bem acompanhado...

— A respeito da limpeza?

— Isso bem praga Frei Thomaz... Cabreira. Elle bem diz que Lisboa é uma *area* muito comprida e difficil de... tocar com a vassoura em todas as *partes*.

— Lá isso é verdade!

— E diga-se aqui á puridade:

Se a vassoura é porca, tambem ha muita gente que é porca. Temos para ahi por essa Lisboa, cidadão que faz da rua caixote do lixo: São cabeças de peixes, pés de galinha e outras coisas sem pés nem cabeça...

— Tem carradas de razão. Diz-me porque é que, estando nós em vespers de separação de peoos e bens da Igreja do Estado, ainda não são laicas todas as ruas?

— E' por causa da confusão. Em todos os casos tenho uma ideia para as tornar laicas, conservandolhes

os Santos.

— Não percebo! Como?

— Por exemplo: Rua de Santa Anna... de Castro Osorio, Travessa de S. Bernardino... Machado, Calçada de Santo André... Brun, Largo de S. Francisco... Valença, etc.

— Isso é aproveitabilissimo! Quem é que está encarregado da reforma da nomenclatura?

— Antigamente era o forte do Agostinho Fortes, mas agora só tem tempo para tratar da sua *reforma*. Olhe, ainda eu ha pouco dizia com os meus botões...

— Com os seus botões? Mas o senhor não está nu?

— Isto de botões, em mim é um adorno... de linguagem, uma flôr de rethorica. Mas dizia eu: Porque diabo será que, sendo a *reforma* um *bom partido* a que adherem os *thalassas*, a quem a massa da Republica não faz móssa, não tem o Fortes mais adeptos?

Bati na testa e achei: — E' porque a reforma d'elle não é remunerada, porque se o fosse já não tinha



mãos a medir em apertos de mão aos correligionários.



— Com certeza que sim! E a respeito dos projectos do Ventura Terra?
 — Isso era uma grande *ventura* se fossem praticáveis!
 — Porque não?
 — Porque não ha dinheiro.
 Portanto, arcadas, palacios de exposições, estações e mercados não passam...
 — De quê?
 — De *castellos no ar*, caro amigo.
 — E ácerca da escripta municipal?
 — Em ordem como nunca.
 Tudo em dia, e bem examinado, tanto o diario como a Razão e é com razão que se diz:
 Vêr e crêr como S. Thomé... de Barros Quiroz.
 — E o illustre presidente?
 — Entregue de alma e corpo ao corpo do marquez de Pombal.
 — E os jardins andam bem cuidados?



— Maravilhosamente. Não sei se tem reparado na *vegetação luxuriosa* que ha na Avenida das nove da noite em diante.
 — Não attinge onde quer chegar?
 — Eu explico: E' ali que certas meninas fazem ponto... de reunião, fazendo namoro descarado aos

transeuntes machos que encontram na sua passagem.

— Agora comprehendi, são: *As paixões passageiras*, as mulheres perdidas.

— E que todos acham!

— Isso é talvez devido á falta de luz?

— Exacto, a falta de luz moral, como teria dito o conselheiro Accacio, do meu collega da rua do Alecrim, Eça d: Queiroz.

— Ah! tambem é romancista?

— Não senhor, mas sou estatua.

— Eu ainda tinha muito mais perguntas a fazer ao senhor « Amor », mas como vae alta a noite e a entrevista vae comprida. e sobretudo... como eu não traço sobretudo, vou deixá-lo, porque está um frio de rachar.

Todavia, antes de o fazer e na impossibilidade de lhe apertar a mão, aperto-lhe o canudo, dando-lhe os meus sinceros agradecimentos. E creia, senhor « Amor da Patria », que gostei muito de o ouvir fallar, devido á sua muita eloquencia; houve mesmo momentos em que julgava estar a ouvir o dr. Alexandre Braga... por um canudo!

CARLOS SIMÕES

17-2 911.

Ao sr. director dos correios

A SATIRA vê-se obrigada a pedir providencias ao senhor director dos correios, para a irregularidade com que foi feita a distribuição.

Muitos assignantes se queixaram do atrazo com que receberam a revista e alguns não chegaram a recebê-la.

Providencias, pois, senhor director dos correios.

Curiosidade infantil

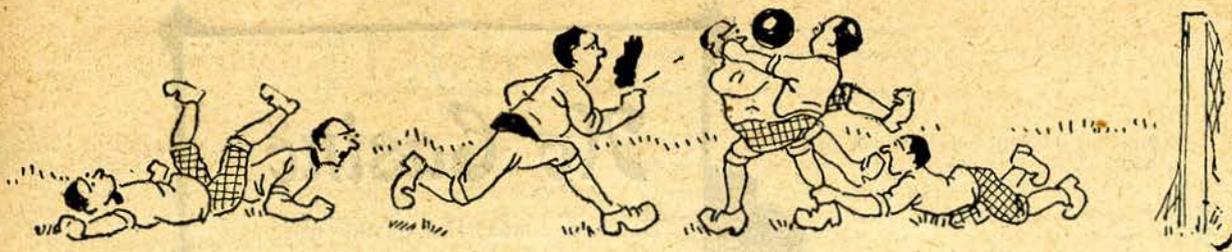
Lulú — O mamã o que quer dizer *delivrance*?
 A mamã (disfarçando) — E' um desastre que acontece quando se brinca aos cavallos.

PARA USO INTERNO



CANDIDO SILVA

Caricaturista



GARTA INDIGESTA

(Para ser lida pelo dr. Eusebio Leão depois das duas da noite)

« Ex.^{mo} Sr. — Quando Deus creou o boi, e o collocou no Eden pastando a herva tenra, disse ao ancestral e veneravel Adão: « Tu comerás os seus *beefs* e a sua dobrada; tu extrahirás d'elle os botões das tuas ceroulas e a mão de vacca; e quando te apetecer, ó argiloso Adão, não faças cerimonia, abotôa-te com elle, devora-o em petiscos, quer no ceu azul resplandeça o sol fecundador, quer o relógio do governo civil marque as duas da madrugada! »

Assim fallou Deus, pouco mais ou menos, segundo narra o ponderado *Genesis*, e desde então o homem vem comendo sempre que lhe apraz e sempre que encontra deante de si, convidativa e aberta, a porta d'um restaurante.

Mas uma auctoridade appareceu na face da terra que ousou, impiamente e temerariamente, regulamentar essa liberdade de alimento que o Supremo Jardineiro do Paraizo concedeu aos homens na pessoa do nosso cabelludo antepassado. Essa auctoridade foi V. Ex.^a, sr. dr. Eusebio, o impio, o temerario, foi V. Ex.^a snr. Governador Civil, e a maldição de Jeovah ha-de por isso cahir-lhe sobre a cabeça, talvez sob a fórmula de costelleta de vitella, visto tratar-se d'uma questão de comidas.

Em perigo a sociedade se alguns dos seus membros comerem pacatamente umas ostras, *chez* Tavares, depois das duas da noite, na companhia terna d'algumas d'essas creaturas em cujos braços a vida é doce como um favo de mel? Porque impede V. Ex.^a a liberdade da dispepsia, da indigestão e de apoplexia, com prejuizo da laboriosa classe dos medicos, cangalheiros e artes correlativas? Eu receio bem comprehender qual o plano caviloso de V. Ex.^a, sr. Governador. V. Ex.^a pretende reduzir-nos miseravelmente ao chá em familia, V. Ex.^a pretende fazer de nós uma população casta e pacata ceiando torradas, creando pança, usando chinellas de tapete! Armando em Herodes da lagosta, da ostra, do camarão e de outros prestantes mariscos, V. Ex.^a tem este plano em vista: fazer-nos regressar aos patriarchaes habitos dentro dos quaes engordam os mercieiros retirados. O seu ideal é que todos nós tenhamos um grilhão de oiro e inscripções

e que empastemos o espirito na monotonia do lar jogando o « quino » a feijões.

Mas certamente nas suas ferozes entranhas de Leão ha-de haver qm pouco de generosidade para aquelles que pretendem ceiar. Creio bem que em breve o *beef* ha-de respirar, liberto da preocupação de ir ser digerido pouco commodamente num calabouço do Governo Civil, e se assim fôr, se V. Ex.^a se resolver a quebrar a grilheta ao petisco nocturno, creia que a gratidão dos legumes será infinita e creia tambem que a Historia e a Praça da Figueira hão de tomar na devida consideração esse nobre rasgo libertador!

Saude, Ceia e Fraternidade.

FELICIANO SANTOS.

Inquerito sobre as saias-calças

Nada posso dizer porque estou fazendo uma syndancia sobre o assumpto. Esperem pelo relatorio.

João de Menezes.

Deve ser regulamentado o direito a essa moda que as mulheres empregadas em serviços de primeira necessidade não poderão usar sem aviso previo. Como se trata de mulheres, direi na *Lucta* umas piadas para homens.

Brito Camacho.

Chiça!

Silva Pinto.

Mulheres de calças! *Horribile visu!*

José Caldas.

Diz-se:

Que uma *canastra* das que andavam atraz do Rei-Tumba e se confessavam ao pae do orfão Albino já usa saia-calça;

Que a não pagou á modista, nem pagará, porque é useira e vezeira no calote.

França Borges.

Já é alguma coisa. Mas não é tudo. Havemos de conseguir o resto!

Maria Velleda.



No Casino

Dançava-se uma valsa, quando tu
A' luz dos candelabros de seis velas,
Dizias umas lyricas singelas,
Mostrando no decote o collo nú.

Depois fallaste n'um poema indú,
Em Verlaine, em Bocage e nas estrellas;
Recitaste em francez tres quadras bellas
Pronunciando muito mal o ú.

E enquanto a flauta executava a solo,
Fallavas de progressos, e sorria
Um velhote gelado como o polo.

Compunhas o decote, e, por trez vezes,
A tua voz meliflua repetia :
Ah! não ha p'ra o amor como os francezes !

ALFREDO FRANÇA.

Significação dos sonhos

EMILIA, aquella prodigiosa Emilia, que possuia finas maneiras e um coraçãozinho gentil, acabava de se estender no sophá, n'um desleixo amoravel com todo o pequenino peso ductil e fragil do seu corpinho de virgem.

Vagamente, passavam-lhe na imaginação recordações distantes, visões imponderaveis de castellos e palacios chimericos, que existiam muito longe, para as bandas do Oriente, com varandins sobre o mar e os rubins muito perto, rebrilhando...

A subitas porém, como se uma vibora bruscamente a mordesse, tornou sobre si, teve um pensamento tragico:

— Mario! oh Mario! o que eu sonhei esta noite! se tu soubesses .. e ainda se agitava, muito nervosa, cada vez mais nervosa, fazendo tremer no ar as mangas leves do vestido leve de musselina branca, arrepanhado nos cotovellos.

Mario, que esfolheava illustrações, despreocupadamente, com o ar snob dos poetas modernos, tomou do monoculo, premiu-o brevemente na orbita direita, e fixou-a.

— Ah! mas que irritante! Porque é que tu usas isso? Oh Mario, não! não quero que tu me olhes com o monoculo!

Porque é que elle usava aquillo? Meu Deus!

quem o sabia? porque a moda, o chic... eu sei! emfim:

— « Porque muitas mulheres gostavam de ser monoculadas!

Mas já Emilia tornára ao seu sonho.

Uma onda de rubor inundava-lhe a face larga, que parecia illuminada pela claridade sangrenta dos poentes...

— « Mario! ouve, li... ainda hei de ir ver ao meu livro de sonhos. Que coisa! Um boi bravo! Sonhei: tu sabes com quê?

Com um boi bravo...

Então, fleugmaticamente, o prestante Mario explicou que não, que não era preciso ir ver ao livro de sonhos; e, chegando-se mais de perto, levou gulosamente á bocca um dedinho branco, onde scintillavam anneis:

— « Boi bravo, Emilia? Mas é excellente...

Tu és solteira, não é verdade? e sonhaste com boi bravo... E' marido, Emilia! eis tudo, é marido!

NOBRE DE MELLO.



MULHERES

FALLAR mal das mulheres! E' possível? Que defeitos se podem apontar a seres tão perfeitos?

Depois, o espirito de classe, que nos leva sempre a acudir umas pelas outras, que heide fazer d'elle?

Fallar mal das mulheres!

Não, a tarefa não é facil. . . E' mesmo muito difficil e chego a temer que exceda as minhas forças. Se fosse dos homens, vá! Ha tanto que dizer d'elles, tanto que lhes c ensuar! Mas d'ellas, pobres creaturas! Nascidas para soffrer todos os martyrios experimentadas desde o berço pela adversidade. . .

Desde o berço?

Sim. Pois não é quasi sempre com poucos dias de nascidas que lhes furam as orelhas e lhes penduram n'ellas umas argolas de linha, que dias apoz são substituidas por uns horrendos enfeites de metal, oiro quasi sempre, a que o uso dá o nome de brincos?

Agora repáre: Brincos é synonymo de brinquedos.

Com brincos infantis, com doces jogos

Isto é de Camões, de Castilho ou de quem? Não sei, não me lembra. O que é certo é que são synonymos estes dois substantivos e que a cerimonia dos *brincos* precede quasi sempre a do baptismo.

Acaso? Não. Proposito, deve ser propositio. Ou talvez mais exacto, um signal de fatal predestinação.

Mulher é brinquedo desde todos os tempos. Só há pouco começa a deixar de o ser, e, o que é curioso, não é para tomar o seu logar e desempenhar a sua missão tão nobre e elevada, não. E' para usurpar a dos homens, o que é infinitamente comico e d'um ridiculo unico.—só ridiculo?—Creio que já não é pouco apontar lhe esse inimigo, o mais justamente temido e audazmente desafiado pelo valor feminino. E na epoca de transição que atravessamos é admiravel como ellas o affrontam por todas as fórmulas possíveis e imagináveis. A mulher elegante, a feminista, a ociosa, a modelo, enfim todas á compita, acabam por attingir o excesso: e o excesso entrega-as sem piedade ao seu mortal inimigo.

Parecer velha é um dos maiores tormentos que tem o coração da mulher. Assim geralmente pinta se, impõe-se, desenha espessas sobranceiras, que não tem, põe bellas dentaduras postiças e gaba em publico a excellencia dos seus dentes, sem dizer que não lhe nasceram na bocca, e a sua farta cabelleira, que ainda deve ao Godefroi, e cujo pezo affirma e nós crêmos, lhe custa a sustentar. Pudéra! Junta ao seu o cabelo de tres recentes cadaveres que fóram na tumba da Misericordia para o alto de S. João. Nem pensam estas elegantes que os seus cabelos (seus não podemos negar que o são, visto que os compraram) já os empastu o suor da agonia derradeira ou não raro foram habitados por parasitas estranhos. Que importa? Dão-lhes elles, ou não dão, maior complicação ao penteado? E' o que se quer.

Eis em breves linhas um curioso retrato deste typo vulgar:

Veste-se como se tivesse quinze annos e já fez cincuenta. Estuda ao espelho os gestos dos ultimos figurinos e ensaia repetidas vezes a meia volta que viu dar em

Paris ás elegantes usando saias longas para que ellas lhe envolvam os pés em pregas artisticas ao descerem das suas sumptuosas equipagens. Esconde a idade com o maior recato e, se é forçada a dize-la, confessa: — Estou velha, já fiz 38. Mas esquece-se que os annos passam e a sua idade official, com uma tenacidade rara, conserva-se sempre a mesma. Os seus intimos riem d'ella, e a presumida depois de consultar todos os dias o seu desleal amigo (chamo lhe desleal porque permite que as pessôas se vejam com os seus olhos, isto é, com manifesta parcialidade), exclama: — Ainda posso passar por ter trinta annos. Confesso mais oito . . . é rasoavel! Se lhe dirigem uma amabilidade fica encantada e tem a vaidade de acreditar que quanto lhe dizem é sincero. Finge-se rica . . . é mais um attractivo: sente-se bem que precisa d'elles, pois lhe começam a faltar.

Consegue, fallando constantemente na difficil administração dos seus bens que lhe façam uma declaração de amor. Então começa o idyllio. Elle passa das tantas ás tantas e ella espera-o enlevada. Depois fallam-se da janella. Que encanto! El'e diz-lhe coisas que lhe sôam ternas e meigas aos seus ouvidos já deshabitados.

Emfim, chega a primeira entrevista. O seu pudôr alarmado não quer consentir, mas o amor pôde tanto!

Elle diz-lhe que a ama, fazendo mentalmente a conta das joias que a enfeitam, e ella, seduzida por tão doce confissão, aproxima-se mais, muito mais, e . . . levanta o veu.

Então elle vê o que a distancia, ou o veu tinham diminuido: o effeito medonho d'uma cara mal pintada. Não, não ha força para arrostar com *aquillo*. Ella, enlevada no seu proprio ardor, não dá pela manifesta repugnancia do seu apaixonado e confessa-lhe que o ama tanto, que se fingiu rica para melhor o captivar.

Elle repelle-a. A cabelleira, equilibrada com tanto custo, cae por terra e as lagrimas que lhe córrem dos olhos desbotam-lhe as

faces, fazendo-lhes sulcos, que lembram as valetas em dias de enxurrada.

Uma desillusão assim não a cura.

Recomeça no dia seguinte a mesma improficua caçada; mas se encontra o heroe da sua paixão, mostra-o sorrindo ás amigas, murmurando:

— O' meninas, se vossês soubessem o que [se diz d'elle? . . .

E conta-lhes as peiores monstruosidades.

— São assim as mulheres lisboetas? pergunta-me horrorisada uma senhora provinciana.

— Todas não. Ha excepções; mas a regra geral das cincoentonas é esta. O que não quer dizer que não haja peor.

MARIA O'NEILL.

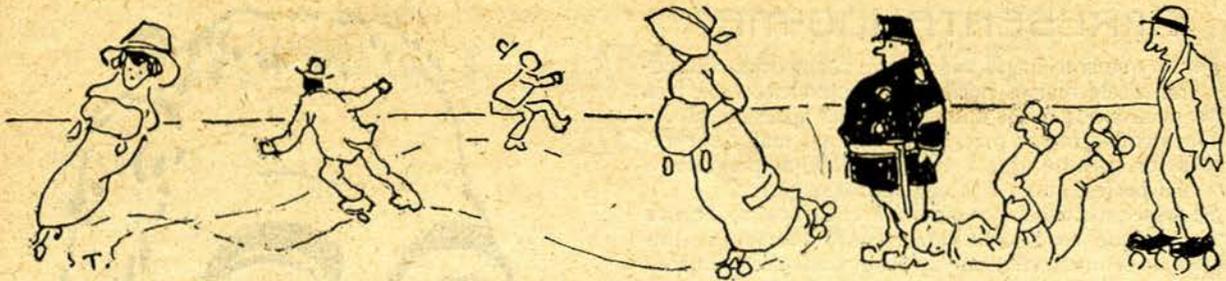


As novas modas



ELLE — Está bonito, sim senhor! A menina a passear e eu sem calças, em casa, á sua espera!
Tenho que me apartar.

— ELLA Oh! filho, pois com calças é que eu não aparto. Continuo de risca ao meio...



NOTICIARIO

Consta que:

— A Companhia dos Phosphoros, adherindo ao novo regimen, vae mudar as cabeças dos phosphoros para o outro lado do pavio.

— O abalisado escriptor Marcellino Mesquita vae deixar de escrever com *pena*... para escrever com *gosto*.

— A villa de *Ceia* depois das duas horas da noite vae deixar de existir.

— Os *varões* do primeiro verso dos «Lusia-



das» vão ser substituidos por um *muro*. Alguns mestres d'obras propõem que se substituam por um *tapume*.

— Os gatos do senhor Fialho d'Almeida vão ser *preparados* .. para uma nova edição.

— Os proprios *realejos* vão passar a denominar-se republicuejos.

— Vae ser dourada a Rua da Prata.

— No intuito de evitar accunulações vão ser tiradas algumas das applicações do colla-tudo.

— Para substituir os banhos de igreja nos casamentos, se vão abrir semicupios nas administrações de Bairro.

— Os mocinhos da Rua do Oiro e Chiado, vão ser admittidos no correio, para a collagem das estampilhas. Boa applicação para más linguas.

— Vae acabar-se a errada denominação de

par de meias. Assim uma senhora entra n'uma loja e diz: Faz favor dá-me uma, duas, etc.

E' pratico.

— O senhor Pimentel Pinto, attendendo á idade e esporões, pediu para ser reformado em gallo.

— Já está concluida a rêde para as experiencias do aeroplano Gouveia.

— A policia procurou a senhora D. Miquette e sua mamã por se terem deixado traduzir por tres cavalheiros ao mesmo tempo.

Com a capa de capellistas, a fazerem das suas...

Ora Deus queira não apanhem para o seu Tabaco.

— Vae haver um grande leilão, de taboinhas, guardanapos, sophás e candieiros de petroleo, em virtude de mudanças... *de situação*.

— Vae augmentar o censo da população hespanhola.

Os bons filhos á casa tornam.

— Algumas praças do exercito pediram licença ao sr. ministro da guerra para se incorporarem nos batalhões de voluntarios.

— Como se acabaram os *pares* vão ser creados logares de *nunes*.

— A rua do *Mundo* vae passar a chamar-se a *Orbita*. E' mais próprio, e dá-nos a impressão de que estamos na *Lua*.

— Vae ser encomendada pela repartição de hygiene uma epidemia para apaziguar uns animos.



APRESENTANDO-ME

VISTO que sou magnanimamente chamado a colaborar n'esta revista, permita-me, caro leitor, que faça eu proprio, á boa moda antiga, a minha apresentação.

Devo começar por dizer, para poupar maior surpresa ao leitor incauto, que a minha vida é, de principio a fim, uma perfeita, uma viva contradicção.

Se fosse passaro, caber-me-hia a classificação de *ave rara*. Pois que nasci com vida e figura humana, na linguagem do saudoso visconde de Seabra, não sei o que sou.

Oíço que me chamam *grande magico*, *grande ponto*, *grande maduro*, mas supponho bem que nenhuma d'estas classificações tem a abona-la a solida auctoridade de Lynneu ou do dr. Bernardo Ayres.

O leitor verá e dirá. Principio.

Chamo-me *O abaixo assignado*, mas sou um abaixo assignado muito extraordinario, pois que não *declaro*, não *peço uma prenda para um bazar*, nem sequer *lanço um reptó*, como está agora tanto em voga.

Vou para os vinte e um annos, idade em que deveria entrar na posse da minha pessoa, e bens. Como não tenho bens, entro apenas na posse da minha pessoa, e mesmo isso nem sempre. Ha até, pelo contrario, muitas occasiões em que não sou senhor de mim — ex.: quando me pisam um callo.

Fui *vaccinado e revaccinado*, donde eu supuz que só por excesso de vaccina tive ainda no anno passado bexigas — *bexigas doidas*. Aqui cumpre-me declarar, entre parentheis, para uso das gentis damas, que não fiquei com covinhas na cara.

Sou *soldado da segunda reserva*, e, no entretanto, sou a creatura menos reservada d'este mundo e do outro. Nem uma creada de quarto me ganha!

Estou *matriculado no quinto anno de direito*, mas sou um quintanista que não usa pasta com fitas, e não uso pasta com fitas porque não tenho namoro, e não tenho namoro porque os dotes gordos, como a sorte grande, saém para os outros, e eu não estou disposto a vender-me barato.

As *minhas ideias politicas são avançadas*. Todavia, passa-se um Carnaval inteiro sem que eu deite uma honesta bomba de vintem o masso d'estas *chinezas*! E não pára aqui a minha singularidade. Porque eu, caro leitor, além das ideias politicas, tenho outras ideias, o que não acontece á maior parte da gente . . .

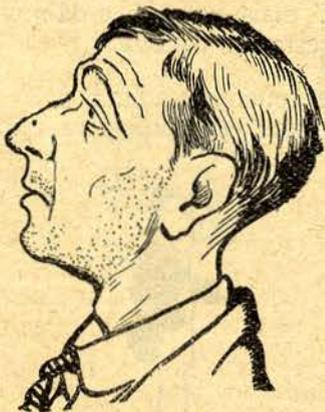
De resto, tenho *dado sérios desgostos á familia*, e, *passando a maior parte do anno em Coimbra*, não sou *socio do Instituto*.

E agora, que tenho feita a minha apresentação, espero que o leitor cortez não deixará de corresponder com o inevitavel: — *Muita honra em conhecer!*

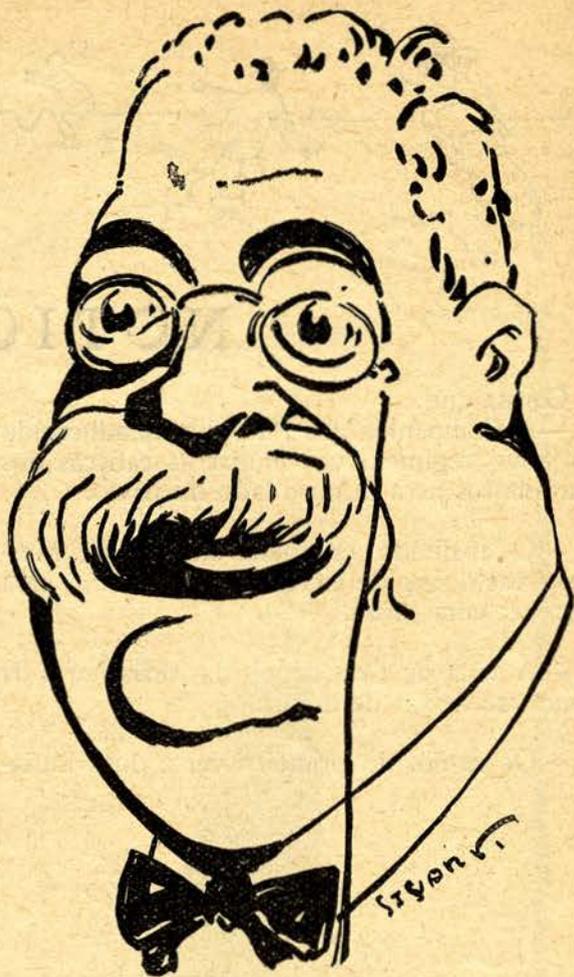
— *Muito obrigado, igualmente!*

ALBERTO DE CASTRO.

PARA USO INTERNO



STUART CARVALHAES
Caricaturista



BRUNO

Um pero que cahiu de maduro.

Orpheon academico

O orpheon academico de Coimbra vae a Paris. Ora, n'uma epocha como a que atravessamos, em que a republica ainda não está consolidada e a cada passo se ouve fallar de intervenção estrangeira, parece-nos perigosa esta visita á capital da França. A mocidade é estouvada e indiscreta, e póde acontecer que os *briosos* se intromettam, por qualquer fórma, em negocios francezes, o que é quasi certo e bastante para lamentar.

Sabemos que as intenções d'elles são boas. Estamos até informados de que vão animados do desejo de estreitar ainda mais as relações que ligam os dois paizes. Mas os francezes continuarão a respeitar-nos, vendo que os nossos rapazes vão metter-se nas *coisas francézas*?

Quem sabe?

Infelizmente nem podemos pedir ao Joyce que os faça andar sempre direitos, porque isso seria ainda peor.

Só nos póde salvar a *intervenção amiga* do nosso Xavier.

SATIRA A UMA MULHER

Eu cá na questão de amores
Ambiciono a maior somma,
Prefiro os frutos ás flores,
Quero cousa que se coma...

E' tão intenso o calor
Que vem do teu coração
Que, se não morro de amor,
Vou morrer de insolação!

Desdenhosa não me queres,
Passas por mim sem me olhar;
Não me faltarão mulheres
Querendo-as eu arranjar...

MARIANO GRACIAS.

Não andes a maldizer
De mim que te respeitei,
Não me obrigues a dizer
Certas cousas que eu cá sei...

Tivesse eu tanta riqueza
Quantos namoros tens tido,
Ha que tempos com certeza
Que já tinha enriquecido.

De candidez és um mimo,
São castos os teus desejos,
Mas os labios de teu primo
Estão queimados de beijos! ..

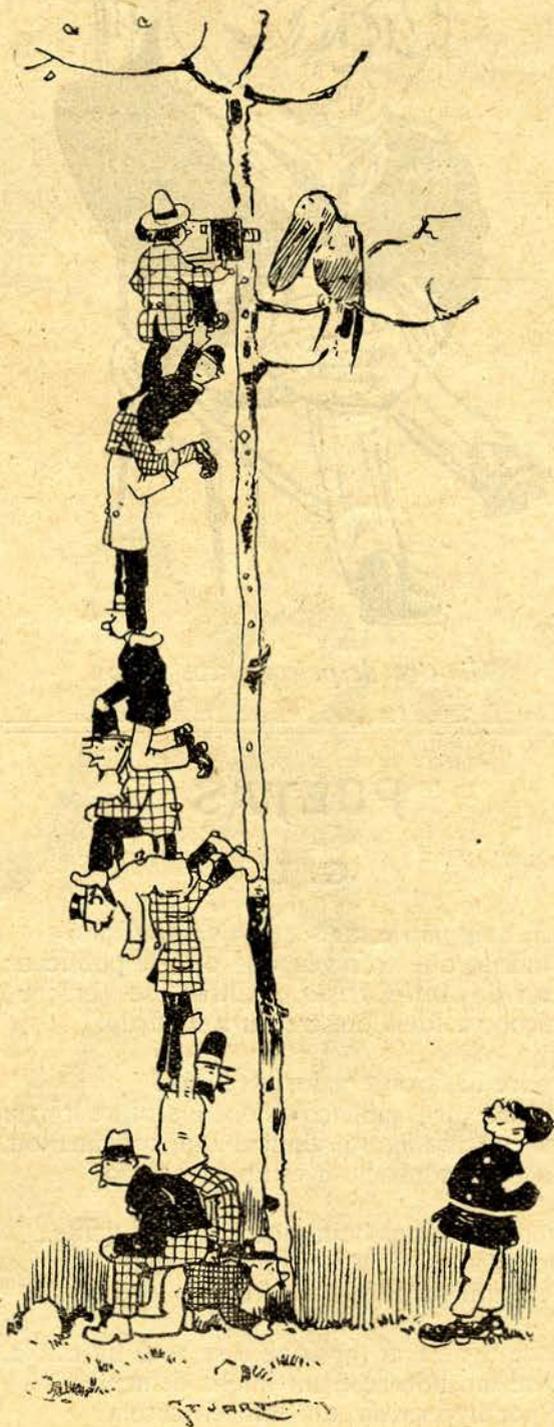
Namoros? Já os deixaste,
Nem é bom falar em tal;
Mas á meia-noite um traste
Vae ter contigo ao quintal...

Ergues tanto a saia branca
Que devias ter vergonha
De exhibir, franqueza franca,
Essa gambia de cegonha.

Olha que o mundo é tratante,
Menina, tem-te, não cáias!...
E' um modo provocante
Esse de apanhar as saias...

Que tem que eu cáia na rede
Da tua mãe deshonesta?...
Quando é muita a nossa sêde
Agua suja também presta

«Amo-te, sou uma louca!...»
Palavras e nada mais;
Quero os beijos d'essa boca
Que são as provas reaes.



XAVIER BARRETO

*Ministro de polvora sem fumo*

POETAS

G. L.

Já foi, hoje não é mais que a contradição
De tudo o que escreveu, que disse e publicou;
Auctor do *Anti-Christo*, a Christo se abraçou!
Atraçou a Ideia e escreveu a *Traição*.

O padre fustigou e a torva religião
Do velho «deus palhaço» a quem sempre troçou
E no entanto agora, alguém que o dementou,
Fal-o resar constricto a estúpida oração!

Coitado! Foi um bom sincero, inteligente,
Philosopho e poeta amigo da pingola.
Hoje é um paradoxo um tremulo doente

Que se agarra ao hyssope e se revê na estola,
Não se sabendo se é um infeliz demente,
Ou, por hypocrisia, um imbecil carola!

ORLANDO.

ULTIMA HORA

TELEGRAMMAS

LISBOA, 31.

House of boot and shoes — Londres.
Resolvi comprar por atacado. Mande 500
metros tacões.

Pimentel Pinto.

PARIS, 31.

Luiz Galhardo — Lisboa.
Não tenho antidoto contra pimenta. Melhor
conhecido é peça boa.

Sarah Bernhardt.

OLYMPO, 10.

Poeta Antonio Correia d'Oliveira — Lisboa.
Parabens sua ultima hymoptise litteraria. Con-
cedo-lhe pensão 30 mil romãs cada mez. Diga
quantas vezes tosse.

Pan.

ABBOBADA-CELESTE, 15.

Poeta Affonso Lopes Vieira — Lisboa.
Agradecido, envio-lhe mil raios.

Sol.

ESPAÇO, 15.

Poeta Affonso Lopes Vieira — Lisboa.
Envio lhe um vento reconhecido.

Eolo.

AVENIDA DA LIBERDADE, 31.

Poeta Affonso Lopes Vieira — Lisboa.
Venha já bancos Avenida. Queremos co-
roá-lo.

Commissão de passarinhos.

BADAJOZ, 31.

Vianna da Motta — Lisboa.
Lamento nenhum concerto tocasse portugueza
á allemã.

Bispo de Beja.

MUNDO INVISIVEL, 31.

Poeta Antonio Correia d'Oliveira — Lisboa.
Saúdamos e agradecemos a v. ex.^a, tão di-
gnamente honrar nossa classe.

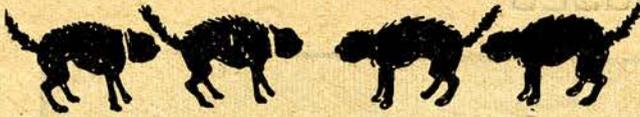
Bacillos de Koch.

NO MUSEU



A MISS — Que estatua ser aquella?

O GUARDA — A Senhora não vê que é o munumento á liberdade d'imprensa?



O dia mais feliz de D. Aurora

EU tinha terminado, havia pouco tempo, o meu frugal almoço de sardinhas fritas.

(Estou já vendo as leitoras e os leitores preciosos co'as carinhas fransidas de indignação e espanto, ou, superiormente, despejando sobre mim sorrisos superiores.

Não lhes quadra que alguém, ao escrever um conto onde buscam e exigem requintes de impressão e sentimentos de leve e fina graça, vá começar pela lembrança grosseira d'um almoço, sendo esse almoço pr'a mais — sardinhas fritas).

Sentára-me, depois, commodamente, junto á sacada aberta, a respirar o halito dos campos e a admirar enternecidamente as tintas que o outomno lhes trouxera. Depois, sem ter nenhuns cuidados, n'aquella beatitude e paz dulcissima que produzem as boas digestões, comecei a lembrar mil coisas gratas de varias situações da minha vida.

Vi-me pequeno e fraco. Pensei na aula de instrução primaria. Lembrei o professor, as neves e o natal. Recordei o lyceu, *étapes* varias, desregramentos, o meu primeiro amor, paixonetas, loucuras...

E, assim, de recordação em recordação, e por constante associação de ideias, vim a pensar nos caprichos das mulheres, nas suas incoherencias, nos seus prazeres, nos seus desejos...

Esta conheci-a n'uma praia. Devia ter então trinta e sete annos. Era uma senhora envelhecida cedo, cabello já grisalho, varias rugas na face, onde os olhos negros sempre bellos e de compridas pestanas espalhavam uma doce luz de sonho e de mysterio. Havia sido bella n'outros tempos e apaixonava varios corações.

Era casada. O marido — um cirurgião dentista, fraco sabedor do seu officio poucos mais annos tinha. Bondoso homem, sympathico, muito alegre, entusiasta de pic-nics, gracejador. Diziam que não se dava bem com D. Aurora por causa dos nervos d'ella, das suas extravagancias, de todo o seu ser moral, complexo muito estranho. Mas, na sociedade, eram dois perfeitos torrões de assucar. Sempre muito carinhosos um para o outro, fazendo referencias a cada instante ao seu tempo de noivos, á sua lua de mel encantadora. E era optimo ouvi-los com babosas ternuras por esses tempos e com revirares d'olhos pingando romanticismos e voluptuosidades quasi obsenas.

Tinham dois filhos: A Alicinha, uma interessante pequena de quinze annos que acceitava os meus galanteios com prazer e tinha birras, amuava, toda corada, as sobrancelhas fransidas, uma prega funda na testa, se eu lhe dirigia a palavra depois de me entreter alguns momentos com qualquer outra das nossas relações; e o Alberto, um garotão de doze, alto, forte, com uma curiosidade insaciavel, meu companheiro nos largos passeios pela costa e um grande admirador dos meus vinte annos e dos meus vastos conhecimentos de historia natural.

Tinham poucos meios, viviam com difficuldades de dinheiro, atrapalhadamente.

A praia era pequena. Havia intimidade. Faziam-se guitarradas, á noitinha, quando a lua começava a subir no azul serenamente, e o mar, muito tranquillo, beijava a areia lisa... Organisavam-se e faziam-se pic-nics pelos logarejos proximos, com muita animação, com muito espirito e muita gargalhada sadia e estridente. Havia jogos, brincadeiras, conversas aniamadas e as gratas horas de musica no Club quando - Amelinha do Nunes do Correio nos deliciava com a sua voz clara bem timbrada e quente.

Uma vez, n'um grande grupo, depois do banho, discutia-se sobre um dos inevitaveis temas das conversas de senhoras: *toilettes*. Criticavam-se as modas da occasião, lembravam-se as mangas de presunto, as saias de balão, saias curtas e de cauda, a maneira simples de trajar das inglezas, os chapéus de palha, os barretinhos de pelles...

E vinham côres, predilecções, preferencias. Havia gracejos, subitos enthusiasmos, discussões acaloradas que ameaçavam tornar-se muito graves... Varias meninas, em côro, n'um grialhar ensurdecador, defendiam até á ultima, certas modas do seu sexo e atacavam tambem os ridiculos das nossas procurando assim tirar a desforra da nossa critica implacavel. Mas certamente não lhes seria facil consegui-lo — valha a vaidade se não nos vencessem os seus sorrisos finos e a doçura dos seus olhos carregados de promessas.

E foi então, quando um certo silencio se fez em todo o grupo, que D. Aurora — de quem o marido havia, pouco antes, a proposito de decotes, gabado os braços roseos e roliços e que se conservara quasi sempre silenciosa picando a areia com a ponteira da sombrinha — deixou cahir dos labios estas phrases estranhas:

— Nunca tive uma *toilette* completa!

Uma *toilette* que satisfizesse as exigencias da minha phantasia. Se um dia a conseguisse, lançava-me nas rodas d'um automovel. Não pretendia mais nada da vida, podem crer; morria bem feliz...

.....
 Approximadamente duas horas depois de recordar este episodio que fundamente me impressionara e que, de longe a longe, quando pensó em mulheres, apparece a sacudir-me os nervos fortemente, a minha creada ia levar-me o « Seculo » — o jornal da manhã que eu então lia.

E qual não foi o meu espanto, quando vi a noticia de que D. Aurora, estando a passar uns tempos em Lisboa em casa d'uma irmã, fôra atropelada por um automovel em plena rua do Oiro! Foi ás cinco da tarde. A sociedade elegante exhibia-se então vistosamente e as confeitarias regorgitavam de fucinhitos gulosos que alli vão deixar por dia alguns tostões e usam na cama, tres semanas, os mesmos lençoes encardidos.

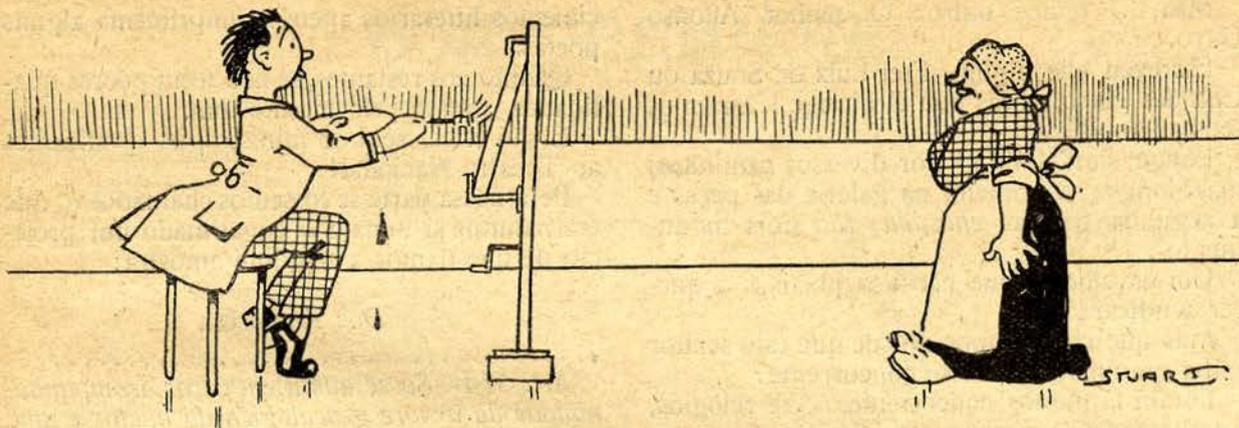
Hoje, volvido mais d'um anno sobre o tragico acontecimento, ainda não sei — por ventura nunca o saberei — se D. Aurora obteve a sua maior ventura, o seu dia grande, o dia mais feliz da sua vida, ou se o automovel que a matou a fez levar para o tumulo, e para sempre, a sua singular aspiração, o seu sonho irrealisado e estranho...

E eu pergunto a mim mesmo, intrigado, sempre que isto penso:

— Como seria a *toilette* que completamente satisfizesse as exigencias d'aquella phantasia?! ..

Coimbra — 1910.

A. SOBRAL DE CAMPOS.



O inquerito ao Theatro Nacional

Excellencia :

Pela nossa penna e com pena de todos aquelles que, a respeito, já se tem manifestado, escorreu ainda ha pouco uma portaria contra a qual vimos por este meio (por não termos ainda Centro) protestar energicamente, uma vez que foi nomear para uma syndicancia de tão grande responsabilidade, individuos cuja competencia não está (dizemos e provamos) á altura do grave commettimento, qual é o de averiguar o motivo porque não vae gente ao theatro.

E senão vejamos:

Quem é o snr. Faustino da Fonseca?

— Um rapazinho debil e anemico, voz de pipio, que, de collaboração com mais trez, que foram justicados, assassinou a Ex.^{ma} Snr.^a D. Iñez de Castro, casada e com filhos menores, usando para esse fim de uma peça quando os restantes se serviram apenas de espadas e outros naipes inoffensivos.

Depois fez contrabando, impingindo beijos por lagrimas mais de cincoenta vezes, e graças á impunidade que o animou, escreveu em fasciculos a vida de alguns defunctos illustres com o que escangalhou as campanhas de quasi todas as casas de Lisboa, creando a terrivel phrase « Amanhã venho saber a resposta. »

— O snr. Faustino que sempre teve o defeito de escrever para jornaes e andar pelo estrangeiro em 1908 a desacreditar a fórmado governo, defendendo os portuguezes, fez-se ultimamente tão abe-

lhudo que chegou a escangalhar alguns « ar-ranjinhos » a pessoas que não compravam as suas obras, dizendo que eram thalassas e pon-do-lhes a calva á mostra, o que se lhe não acarretou ainda algum desgosto é por que S. Ex.^a é muito debil e receiam aleijal-o.

— Mas ainda ha mais:

O mesmo senhor Faustino não só tem contra si estas fortes razões, mas tambem a de ter provocado uma lesão cardiaca ao snr. Urbano Rodrigues na assembleia geral da Associação dos Auctores Dramaticos, onde este senhor tinha ido beber um copo d'agua, obrigando-o a presidir e a agitar a campanha durante as 6 horas em que a sessão decorreu, sendo n'essa occasião accomettido de um ataque nervoso o snr. Camara Lima, muito chocado desde o dia 5 d'outubro que passou na Rotunda.

Ora o snr. Urbano é um redactor do « Mundo »; além d'isso fez a Maria da Graça e não é homem para graças que não deem, pelo menos, vinte representações.

N'aquelle momento, porém, não era o snr. Urbano quem alli estava. Era a presidencia.

Não era o homem, era o espirito. Não era o *Fiel* do snr. Guerra Junqueiro, era o *fiel* da balança da justiça.

E o snr. Faustino da Fonseca não quiz abstrahir, concretizou, fallou alto, avançou para a mesa e se n'essa altura o snr. Urbano estivesse sobre ella com arroz ou batatas, tinha marchado até ao ultimo



osso. S. Ex.^a comia-o!

E é isto um syndicante!

Mas... temos outro: O senhor Affonso Gayo.

Escreveu elle algum Frei Luiz de Souza ou Chá das cinco, obras que tão longe levaram os seus auctores?

Longe sim senhor! Por diversos caminhos, mas longe; a primeira na galeria das peças e a segunda na das *chásadas* são dois monumentos.

Um cavalheiro que não usa polainas a querer syndicar!

Mas que culpa temos nós de que este senhor saiba grammatica e fosse concorrente?

Foram lá muitos concorrentes... e relogios, e voltaram pelo mesmo caminho.

Pois se as peças do senhor Gayo nem met-tiam um chapéu alto! Era tudo a pôr para ali miserias, pôdres, o diabo!

O theatro não se fez para educar. Monte V. Ex.^a uma escola e deixe-se de theatro; ou então copie umas indecenciasinhas do francez e faça coisas que se vejam. Peças genesicas, por exemplo, que é mais proprio da sua idade viril.

O senhor Bento Faria, musico do Banco de Portugal, tambem é outro que tal.

Que peças tem este senhor?

O Fado, todo copiado do estrangeiro, de fados inglezes e francezes que a gente está farto de ouvir ás companhias estrangeiras!

Além d'isso é modesto; ora um homem modesto não pode syndicar.

E depois o que faria o senhor Bento Faria, que só faz versos, n'um relatorio que naturalmente será em prosa?

E' certo que declarava:

*Jesus! O que lá havia
N'aquelle Dona Maria!
Eu sei lá!*

Bento Faria.

O senhor Antonio Pinheiro, outro que tal!

Inventor da Associação dos Artistas Dramaticos, contra a qual até um electrico se manifestou ruidosamente, este cavalheiro tem um passado que não pode passar sem reparos.

Já teve a *Dança de S. Victo* contagiada pelo sr. Dantas e d'ahi lhe ficou aquella mania de levantar o theatro, para o que fez gymnastica sueca, e defender as actrizes contra os embaraços da vida, comprando n'essa altura um capachinho que lhe fica muito bem ao parecer.

Escreveu um livro sobre os bengaleiros de theatro todo copiado do catalogo do *Primtemp*s e como isso não bastasse fez uma conferencia musical em que chamou fadista ao sr. Filippe Duarte, diante da banda de infantaria 2 que se conteve por estar de grande uniforme e não querer desfeitear s. ex.^a na presença dos coristas que haviam cantado o Figueiral.

O Dr. Garcia, cremos que nem instrucção primaria tem. Possui uma calçada alli para os lados do Quartel General e a respeito de conhe-

cimentos litterarios apenas cumprimenta alguns poetas.

Quanto aos restantes, se não teem peores qualidades, afinam pelo mesmo tom.

E são estes, senhor ministro, os syndicantes ao Theatro Nacional!

Pela nossa parte se fossemos chamados (o que era natural) já tinhamos engatilhado um projecto de que damos a seguinte amostra:

Dos Auctores

.....
Art. 574—Só se admittem peças acompanhadas da arvore genealogica do auctor e uma photographia d'elle em tamanho natural.

Art. 575—E' preciso ser muito sympathico.

Art. 576—E vestir bem.

Do Publico

.....
Art. 1073—Todos os cidadãos serão obrigados a comparecer 3 vezes por semana, em todos os theatros da capital.

A distribuição é por turnos e feita pela Administração do Bairro.

Art. 1074—São excluidos os invalidos, mulheres gravidas e menores de 6 annos.

Art. 1075—O publico rirá (ou chorará) por numeros, sendo prohibido que o façam mais de cem ao mesmo tempo.

Aqui tem V. Ex.^a o remedio. Agora a doença sabe qual é?

Qual? Perguntará.

Isso é comnosco. Chame-nos a syndicar e verá V. Ex.^a o que é pôr para ahi coisas em pratos limpos. Agora com esta commissão até V. Ex.^a se ha-de arrepender de a ter feito fallar.

Quem se farta de rir é a que lá estava. Até já põe as mãos na barriga e ainda os syndicantes não principiaram.

Deus Guarde a saude de V. Ex.^a e a Fraternidade de nós todos.

Att.^o e Venerador

JOÃO RATÃO.

JOÃO CHAGAS

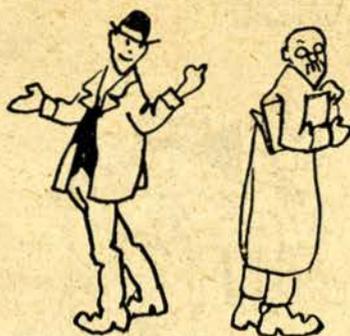


Democracia e higiene

BOA PREMIÈRE

Jaim, um rapaz perfeito,
Era bohemio de craveira,
E só tinha este defeito
Que aliás faz bem ao peito:
Não ter vintem na algibeira!

Emquanto o dono fiou
Foi á taberna, o brejeiro,
E comeu do que gostou,
Mas, como isso se acabou,
Resolveu ganhar dinheiro! ..



Poz o seu talento em chamma
E depois de algum trabalho
Começou a sua fama.
Assim que acabou um drama
Em dez actos: *Barba d'alho!*

Aos gritos da multidão,
Por fim lá subiu o panno
E foi tal a impressão
Que um segundo de audição
Parecia durar um anno!...



Havia mortes no drama,
Phantasmas n'um cemiterio,
Zaragatas em Alfama,
Tiros debaixo da cama
E tres scenas de adulterio!...



Foi mostral-o aos empregarios
E um d'elles (que gabirú!)
Lhe disse: «vae p'ra os scenarios,
«Mas quanto a dar-lhe honorarios ..
«Tem que ser *á bórtliú!*...»

Jaim ficou suffocado,
Porém, como era marianjo,
Respondeu, já confortado:
—«Pois fica assim combinado!
«Vae *á borta!* Eu cá me aranje!...



Toda a plateia chorou
Depois de vêr estas scenas,
Muito lenço se encharcou,
Muita dama desmaiou,
E esvahiram se as pequenas...

Poz o seu nome em destaque
E n'uma noite fagueira,
Jaim, de penante e frack,
Comprados n'um bric-à-brac,
Foi assistir á *primeira*.

Era peça com sarcasmo
De difficil urdidura,
E após momentos de pasmo,
Lavravava um tal entusiasmo
Como se vê na gravura!

Então Jaim com presteza
E modos de quem se estreia
Em attitude *malteza*,
Vae fazendo uma limpeza
Aos *mirónes* da plateia!



E depois da ladroeira;
Feita com summo rigôr,
Mette a massa na algibeira,
Ganhando d'esta maneira
Os seus direifos de auctór!



Mais tarde no restaurant.
Entre garrafas de Hamburgo
E copinhos de hortelã,
Dizia o nosso galan:
— Tenho arte para dramaturgo!



E n'uma interrogação,
Eis a moral meus leitores:
Quantas peças feitas são,
Apenas com a intenção
De roubar espectadores?...

BONNEVIE.

Consta que o sr. João de Menezes vae pedir a demissão do cargo de esperança da patria, que ha muitos annos desempenha com inexcedivel zelo e competencia. E' a ultima demissão que S. Ex.^a pede.

No circo

Entre dois amanuenses:

— Imagina que esforço não fará aquelle homem para sustentar um peso tão grande!

— Agora calcula tu o esforço que eu farei, que sou mais fraco, para sustentar mulher, sogra e quatro filhos, que é um peso muito maior!



O sr. Angelo da Fonseca, especialista de vias urinarias e director geral de instrucção, tem tido grandes difficuldades com a doença do Theatro Nacional, que, por ter a via muito estreita, requer algalia de muita finura que o distincto clinico não tem.

Um Bello ... Cardeal



De como uma circular faz diminuir a circulação das placas circulares.



— Então, meu amigo, quem é agora o **papa-jantares**, sou eu ou você?
— Meu caro, é de justiça...

Des. Candido Silva.



I

O barão da Pêga, antes de ser titular, tinha sido simplesmente Leandro Bugalho, commerciante no Rio, onde ganhára rios de dinheiro, vendendo *café com leite*. Para fazer concorrência aos collegas, por cada kilo de café, dava aos freguezes dois litros de leite á borla. Em pouco tempo, devido a esta ideia engenhosa, fez fortuna. Retirando-se do negocio, retirou se para Portugal. Com quarenta annos e quatrocentos contos, comprou o baronato e pensou em casar-se.

Procurou noiva entre as meninas da alta, mas como não encontrasse, voltou-se para as da Baixa. Arranjou um namoro na rua da Prata, que acabou em casamento de estrondo em S. Mamede.

A escolhida fôra a filha da viuva do commendador Zacharias, menina muito prendada, que tinha vinte primaveras e por dote os dotes phisicos. Acerca de Laura, a escolhida do barão, corriam certos boatos; dizia-se que tinha tido mais de um cento de namoros e que, nas noites sem luar, no Estoril, se entregava em demasia ao *flirt*.

Mesmo nas barbas... do espartilho da mamã, que não a perdia de vista, procurava os logares escuros e solitarios para conversar com os namorados. Então, a mãe dizia-lhe: — Venha para aqui, Laura, não a quero longe das minhas vistas. Laura respondia com uma pontinha de mau genio: — Que séca! eu estou perto, a mamã é que tem a vista curta.

No Casino, fallando-se dos *flirts* de Laura, o general Pina com a sua rudeza caserneira, dissera: — Qual *flirt*, qual carapuça! Aquillo é uma refinação de assucar e pelo processo primitivo; não mette machinas, é tudo manipulado.

Quando Laura appareceu baroneza da Pêga, e appareceu, de carruagem, na Avenida, os ex-namorados e conhecidos, tirando-lhe o chapéo, tiravam o assento circumflexo ao e da Pêga e diziam: — Lá vae a Laura, a baroneza da... O resto era cortado por uma gargalhada geral.

N'um gabinete luxuoso, do palacete da quinta dos Malmequeres, ao Lumiar, a baroneza lia uma das aventuras de *Sherlock Holmes*, quando o barão a interrompeu, mostrando-lhe um telegramma:

— Custou, mas achei a cifra!

Laura sorri: — Não admira, sempre tiveste disposição para os algarismos.

— Lisonjeira! Mas já tinha a cabeça á razão de juros.

— A quanto ao mez?

— Gracejadora! A trinta por cento, não empresto a menos. Enfim consegui!

E', nem mais nem menos:

Parta comboio manhã.

— Então vaes deixar só a tua mulhersinha?

— Bem me custa.

— E é por quanto tempo?

— Um mez. Trata-se de servir a patria e o rei. Na Inglaterra vou, com outras firmas acreditadas na praça aristocratica, tramar a Restauração.

— Laura, rindo: — Será então uma Restauração da... trama.

O barão olha-a, escandalisado: — Que palavriado, baroneza!

— Não te zangues. Está na moda. Ainda o outro dia o Chico Paraty disse para mim: Adeus, baroneza da trama!

Olha, foi no baile do marquez de Ponta Delgada!

— Esse Chico é um casca grossa.

Não me esquecerei de levar a bandeira azul e branca que tu bordaste. Como eu adoro o azul! Eu antigamente era vermelho, mas quando me trouxeram o titulo de barão e a conta respectiva mudei de cor.

— Pudéra, sempre foram cinco contos de reis.

— Vou já tratar de mandar arranjar as malas.

Beija Laura nas duas faces e sae. Esta, assim que viu fechar-se a porta do gabinete, correu á escreva-ninha e n'uma folha de papel armariado por uma pêga em fundo cor de café com leite, traça nervosamente:

Mêu querido Arthur

O barão parte para o estrangeiro, onde vae conspirar. Amanhã, do meio dia em diante, tens a minha porta os meus braços abertos para te receberem. Para não dares nas vistas dos criados, que são thalassas como o meu marido, arranja um disfarce: como não usas bigode, pode servir uma batina de padre. Toma ares sera-

phicos e um *coupé* fechado e bate para este coração que bate pelo teu. Vem, meu heroe. . . da Rotunda e d'esta que te ama até á morte

Laura.

II

São dez e um quarto quando Laura sae do quarto. Na casa de jantar, o barão espera-a para o almoço, com um ar desapontado.

— Bom dia, Laurinha. Estou deveras encavacado.

— Que foi que te aconteceu?

— Enganei-me na cifra. Imagina que traduzi manha por manhã. Recommendavam-me manha. E estive eu a apressar me!

Agora só parto no comboio da tarde.

— Só partes no comboio da tarde?

— Parece que não gostaste da novidade!?

— Eu, queridinho, pelo contrario, quanto mais tempo estiveres ao pé de mim, mais te tenho a meu lado.

O criado começa a servir o almoço. Laura, apesar de estar sobre brazas, não perde o sangue frio e vae pensando: — Dentro em pouco chega o Arthur. O que vale é que meu marido não o conhece

Vamos a vêr no que isto acaba; se fôr no divorcio, melhor. Com o Arthur não caso eu, é muito ciumento para marido. Que cara fará elle quando der de cara com o meu caro esposo? O barão come de vagar, devorando com os olhos o *Correio da Manhã* que tem na sua frente. O almoço vae no fim quando entra um criado a annunciar que está lá fóra um padre que deseja ser recebido. Laura murmura: — Agora é que vae rebentar a bomba. O barão estupefacto:

— Um padre!?

— Parece que vem fugido, redarguiu o criado.

— Fugido, coitadinho! exclama Laura.

— Ainda um santo que soffre com a maldita lei da expulsão.

Ah! senhores republicanos, senhores livres-pensadores, não de ter o pago!

Espera, Laurinha, eu vou ver que soccorro posso prestar a esse sacerdote.

Na sala de entrada, Arthur examina uma estatueta. Veste uma batina e tem na mão um chapéu laza. rista, de aba larga, que elle não larga. Quando ouve mexer na porta, cheio de alegria, corre de braços abertos. O barão, que não espera o choque, cae n'uma poltrona. Arthur recua, apavorado, exclamando com a voz abafada:

— O marido! Arranjei-a bonita!

O barão, levantando-se um tanto molestado, mas sorridente:

— Esteja descansado, aqui ninguem lhe faz mal; além d'isso tenho armas para o defender.

— Ah! V. Ex.^a tem armas? então confio n'ellas.

— Diga-me, vem de longe, de que terra é?

— De... de que terra... não me lembro. O susto foi tamanho que ainda não sei de que terra sou!

— Vamos, descanse. Como se chama?

— Arthur... burro... burro...

— Burromeu?

— Isso mesmo, burro seu, perdão, Burromeu. Fr. Carlos Burromeu.

— Agora reparo, o reverendo tem o cabello crescido, não tem corôa!

Arthur, no cumulo da atrapalhação, leva a mão ao alto da cabeça: — E' verdade, perdi-a.

— Perdeu-a!?

— Que admiração, se eu perdi a cabeça! Ah! já achei.

— A corôa?

— Não, o motivo por que a perdi. Eu lhe conto: Quando o povo, armado, entrou no convento, foi tal o terror que se apoderou de mim, que se me puzeram os cabellos em pé e conforme crescia o terror cresciamme os cabellos.

E eis porque perdi a corôa.

— Só eu tenho gasto tanto dinheiro em especificos e nada de me crescer o cabello.

— Não desespere, senhor barão. Deus, que lhe não faz crescer a cabeça do cabello, perdão o cabello da cabeça, é porque lá tem as suas razões.

— Seja feita a sua vontade!

— Amen!

— O reverendo usa monoculo?!

— Uso; é que eu, lá na ordem, estava encarregado das criticas d'arte. Mas estou a demoral-o, vou me embora.

— Isso é que eu não consinto

Esta casa é sua. Então depois de conseguir chegar até aqui, ia outra vez expôr-se ao perigo? Não senhor, não sae. De mais a mais o reverendo vae prestar-me um grande favor. Eu parto dentro de algumas horas para o estrangeiro, onde vou tratar da restauração da monarchia e o reverendo fica a fazer companhia a minha esposa.

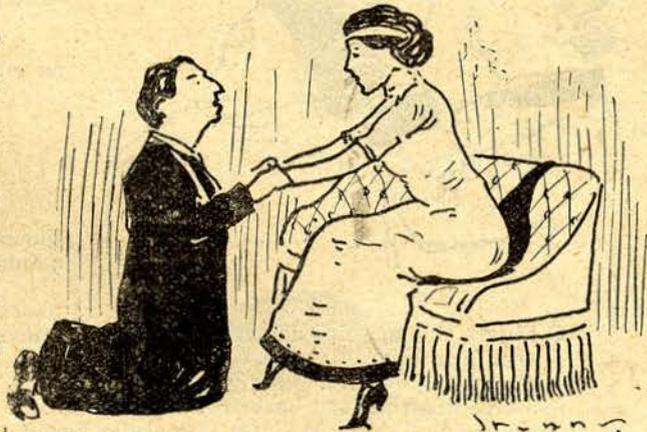
Conhece a baroneza?

— De vista. Costumava vê-la no Quelhas.

— Eu já lh'a apresento. Como não devo ter segredos para um correligionario, posso dizer-lhe que, antes de partir, ainda tenho uma reunião secreta na *Joven Sabonaria*. A *Joven* é composta de gente de idade e de tino.



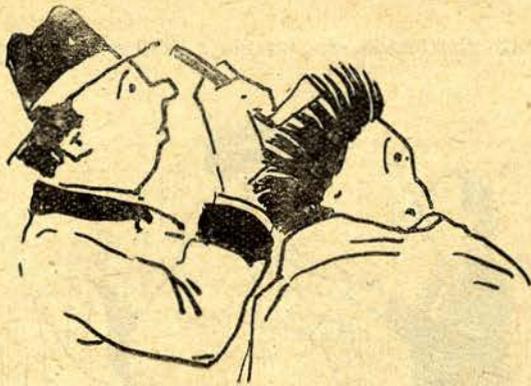
- Não atino ! não sei de que se trata.
 — Pudéra, se isto ainda está em principio, mas eu explico-lhe : — Como sabe, os da Republica tinham a *Carbonaria*. Ora isso deve ser uma coisa muito mascarada.
 — Perdão, mascarada é que o senhor barão quer dizer.
 — Não, digo bem, mascarada e cheirando a petroleo ; ora como nós somos gente *limpa*, inventámos a *Sabonaria*. Cá, os filiados são sabonetes e os chefes são sabões.
 — Quer dizer que sabem muito !
 — Exacto ! Pois eu, antes de partir, tenho uma reunião no jardim da Estrella, na montanha russa. São iniciados dois officiaes...
 — De cavallaria ?
 — Não, dois officiaes de diligencias. São muito diligentes e estão em boa relação com a Relação e a Boa Hora.
 — E para tratar das bombas ?
 — Temos tres bombeiros voluntarios de Belem. E' gente destemida, costumada a lidar com bombas e... fogo.
 — Sim senhor, bella aquisição.
 Batem á porta do gabinete.
 — Entre quem é, brada o barão. — Ah ! és tu, Laurinha ?
 — Estava com o coração em ancias. Não sabia o que se tinha aqui passado.
 — Passámos bem, muito obrigado, senhora baroneza, respondeu Arthur, trocando um olhar de intelligencia com Laura.
 — Foi o ceu que enviou este santo varão. Imagina que elle accede, emquanto eu andar lá por fóra em ficar a fazer-te companhia e guarda.
 — Oh ! será uma companhia e guarda que valerá por uma companhia da guarda... republicana. Assim lhe juro, senhor barão.
 — Mandarás armar a cama do reverendo no quarto contiguo.
 — No quarto commigo ! exclama Laura admirada.
 — Não percebeste, minha queridinha. Digo o quarto contiguo a esta sala
 — V. Ex.^{as} não se incomodem. Para um trapista qualquer trapeira serve.
 — Bem, querida Laura, joia das esposas honestas e fieis, vem a meus braços.
 O barão, com lagrimas nos olhos e na voz, abraça e beija Laura. A baroneza, com um lençinho de seda enxuga fingidas lagrimas.
 — Adeus, idolatrada esposa. Depois de ti a restauração.
 — Adeus, esposo adorado. Espero que, quando voltares, venhas restaurado... de forças.
 — Adeus, reverendo Burroneu, permitti que lhe beije a mão.
 — Que a paz do Senhor seja convosco. Arthur lança-lhe a benção, lançando olhadellas ternas a Laura
 O barão bate na testa e exclama :
 — Uma ideia ! Vou-lhe mandar o meu barbeiro, que é dos nossos, para lhe abrir a corôa.
 — Oh ! senhor barão, não se incomode !
 O barão beija mais uma vez a mão a Arthur e muitas a esposa e sae em copioso pranto. Momentos depois ouve-se a trepidação de um automovel e o som da sereia
 Arthur, tirando a batina, atira-se a Laura aos beijos.
 — Safa ! A comedia é finita !
 — Parecia infinita !
 — Ah ! querida Laura, por ti quanto eu agora soffri !
 — E eu por ti a quanto me exponho ! Mas vamos ter um mez de desforra.
 Arthur enlaça amorosamente Laura e leva-a para um sofá, dizendo : — Que mania, a do teu marido, em querer mandar-me o barbeiro para me abrir a corôa !
 — Não te rales. Não se lhe abre a porta.



III

- Horas de delicioso encanto se passaram velozes n'este paradisiaco recanto.
 Arthur, apaixonadamente, beija Laura na boca
 — Querida Laurinha ! como te amo com sagrado amor ; amor consagrado !
 — Estás muito sacro ; lembra-te de que já tiraste a batina.
 — Que jamais tornarei a vestir.
 — Olha que te estava a matar.
 — Dize-me que o teu coração só alberga o meu amor.
 — Naturalmente, n'este albergue só tu pernoitas.
 — Oh ! minha querida Pêga...
 — Mau, não me chames isso. Bem sabes que embirro com semelhante ave... Maria do teu rosario amoroso.
 — Rosario amoroso, tem graça.
 — Não admira, se tu és a graça em carne e osso.
 — E tu ?
 — Eu sou... sou o caracol da dita.
 — Que sobes por esta parede acima.
 Laura solta uma gargalhada. Batem desesperadamente á porta da sala. Sem esperar, uma criada entra esbaforida.

- Minha senhora, estão lá fóra muitos homens armados que veem prender este senhor.
 — Veem-me prender!?
 Laura, assustada, treme como varas verdes.
 — Socega, não tenhas receio.
 Mal Arthur tinha pronunciado estas palavras, quando vozes, no corredor, bradaram:
 — Abaixo os jesuitas! Cabeças começaram a assomar á porta. Laura, apavorada, compo o vestido em dsalinho, refugia se nos braços de Arthur. Este, para a socegar, esquece a presença da craida e do publico... illustrado e beija Laura.
 -- Entrem rapazes, que ainda o apanhamos com a boca na botij,!



- Botija! Vejam lá como fallam. Esta senhora é a baroneza da Pêga, grita indignado, Arthur.
 — Isso para cá não péga. Os titulos foram abolidos.
 Eu sou o Barnabé, barbeiro. Entrem, rapazes!
 A sala foi invadida por uma multidão de homens armados até aos dentes... do sizo, de paus... e cordas, pistolas, carabinas e bombas de dynamite. Arthur, furioso, volta-se para o barbeiro:
 — A casa do cidadão é inviolavel e o senhor viola...
 — Qual senhor viola, nem bandolim. Barnabé é que eu sou, como já lhe disse.
 — Finalmente, que desejam de mim?
 — Prendê-lo!
 — Mas porquê?
 — Porquê? Porque é jesuita.
 — Eu?!
 — Sim, senhor, é reaccionario. Basta olhar para esta senhora, que está tão vermelha, para se vêr logo que aqui andou obra de reacção.
 — Calle-se, não lhe admitto que se dirija a uma senhora d'essa maneira. Olhe que já estou fóra de mim.

O Figaro tira um cipó das mãos d'un companheiro e chega-o a Arthur.

- Ora faça favor de entrar outra vez em si.
 — Prompto, já entrei. Mas diga-me, quem é?
 — Já lhe disse que sou barbeiro, revolucionario e sou do centro da terra.
 — Centro da Terra! Já li isso, é do Julio Verne.
 — E' do raio que o parta! Pertenço ao centro do Lumiar, duvida?
 — Não se exalte, que eu não duvido.
 — Agora eu é que lhe vou dizer quem vossê é: E' padre, e a prova é aquella batina, o chapéu e a cara rapada.
 — A cara rapada!? Isso é moda e a batina é um dis... Arthur ia a dizer o resto, quando reparou em Laura, que, lavada em lagrimas, lhe impunha silencio, levando o lindo dedinho á linda boca. Depois, Arthur teve uma ideia, que era um grande argumento.
 — A prova que não sou padre é que não tenho corôa.
 — Mas estou aqui para lh'a abrir. O barão, julgando que eu era do conluio thalassa, é que o descobriu.
 Chegou lá á loja e disse-me em segredo:
 Eu tenho em casa um padre que anda fugido para não ser expulso, e vossê, em podendo, chegue lá que elle tem o cabelo crescido e abra lhe a corôa. Eu, como bom livre-pensador, reuni logo a minha gente e aqui estou para lhe abrir a corôa e para o metter dentro do forte de Caxias, por andar fóra da lei.
 Vamos á rapadela. Dizendo isto sacou de um estojo de barbear.
 Arthur tenta protestar:
 Oh! senhor Barnabé, creia que não sou padre, sou livre-pensador e revolucionario.
 — Isto é que é feittio jesuitico!
 Se lhe parece, diga tambem que esteve na Rotunda.



- A verdade acima de tudo.
 Na Rotunda não estive, porque quando la fui, já não havia logar para mais heroes.
 — Arthur tenta resistir á rapadela, mas mãos vigorosas subjugam-no. Como já lhe tinham ensaboado o juizo deixou ensaboar a cabeça e d'uma escanhoadela ficou de corôa aberta.
 Vestiram-lhe a batina e levaram-no a um espelho.

— E' padre ou não é?

Arthur, vencido e meio convencido, acaba por concordar.

— Effectivamente agora pareço.

-- Bem, toca para Caxias!

Arthur, mettido no meio da escolta, diz adeus a Laura, lançando-lhe um olhar maguado e sae da sala. Quando chegou á rua, numerosa multidão recebeu-o com gritos de: — Morram os jesuitas! Abaixo a reacção.

Laura deixa-se cahir no sofá e desmaia. Desmaia enquanto o diabo esfrega um olho e, voltando a si, murmura: — Meu Deus, não posso soffrer sosinha esta grande dôr, preciso de alguém que me acompanhe! Corre á escrevaninha e em uma folha de papel armariado por uma pêga em fundo côr de café com leite, traça nervosamente:

Meu querido Jaime

O barão partiu para e estrangeiro, onde vae conspirar. Podes vir; tens a minha porta e os meus braços abertos para te receberem. Como n'estes sitios tomam toda a gente por jesuitas fugidos, para não receberes algum dissabor vem á militar. Toma um *coupé* e ar marcial e bate para este coração que bate pelo teu.

Vem, meu heroe... da Rotunda e d'esta que te ama até á morte

Laura

12 2-911.

CARLOS SIMÕES.

CONFISSÃO E PENITENCIA

A' Igreja a confessar-se um bello dia
Foi um saloio pobre como Job.
E todos os peccados que sabia
De joelhos, ante o padre murmurou.

Porém, eram tão grandes os peccados
Que ao padre, o bom pacovio, foi contar
Que já uns seis rosarios bem contados
De penitencia, o cura lhe vae dar.

Mas nem sequer rosario possuia
E menos o dinheiro p'ró comprar;
Então pergunta ao padre se podia
Em vez de contas, d'outra coisa usar.

O bom vigario, presto, diz que sim
Comtanto que essa conta fosse igual.
Fica o gebo a pensar, eis que por fim
Achou da reza um modo original.

Tinha a mulher tão magra, um esqueleto
E cheia, tão cheia de paciencia
Que a dorsal 'spinha d'ella, de amuleto
Servia pr'a rezar a penitencia-

Concorda logo o padre e diz que sim,
Mas com sorriso que doçura espalha
Recommenda: porém chegando ao fim
Olhe se esquece o beijo na medalha...

JUCA.

PARA USO INTERNO



CARLOS SIMÕES

Redactor

Machado Santos



— Intransigente na Rotunda...

Cumulo da Intransigencia:

Ser-se intransigente com o Mundo!!!



NO MÉNAGE:

—O' filha, mas que lindo vestido que tens hoje. Quanto me custou? ...
—Barato, um jantar ao teu amigo Serpa...

Des. de Carvalhaes

N'uma procissão em Ovar

As procissões no norte do país
São dignas de se ver, pela riqueza
Dos andor's, dos pendões de oiro e matiz!

Fica-se a gente em extase, surprêsa,
Ao ver o esplendor d'esses cortejos
Que fazem honra á terra portugueza.

Oxalá não acabem taes festejos,
Que são a diversão mais animada
E que é mais grata aos povos sertanejos!

Ha morteiros, zabumbas, restolhada;
Despejam-se de vinho alguns toneis,
Taboleiros de doce e marmelada!

As Marias gentis mai-los Maneis
Ostentam sobre a roupa domingueira
Arrobas de oiro, centos de mil reis.

Ha dansas e descantes, ha fogueiras,
Ha paulada tambem, *pinhas* rachadas,
Questões azedas, birras, bebedeiras...

Emfim, são funçanatas arrojadas,
Custando muito *milho*, p'ra mantê-las
Sempre á altura das famas conquistadas.

Só pelos *anjos* vale a pena vê-las!
Mas eu não me proponho a louco intento
De procurar, em verso, descrevê-las...

Mas agora me acode ao pensamento
Uma história veridica, passada
Ha annos em Ovar. Eu não invento...

Em certa procissão, que foi falada,
Um dos *anjos* dizia com frequência
Ao pae o quer que fosse, em voz magoada.

— «Tem paciência, menino, tem paciência!» —
O pae lhe respondia, e o pobre *anjinho*
Não desmanchava á festa a imponência...

— «Pae, ó mé pae, voltou o *anjo* aflito,
«Eu já não posso mais!...» E a tremer
Suava a bõem suar o rapazito...

— «Tem paciência, menino!» — ja a dizer
Mais uma vez o pae, mas encarou
No rapaz, e mediu o seu sofrer...

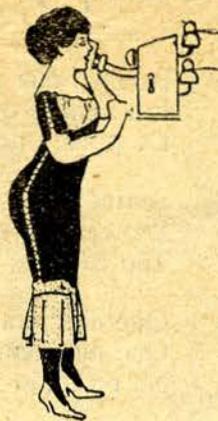
Então, sem mais *aquellas*, começou
A gritar n'um medonho vozeirão
Que a todo o povileu apavorou
Da pitoresca povoação de Ovar:

— «O' do guião! do guião!
«Pare lá a procissão,
«Que o *anjinho* quer...!» —

DELFIN GUIMARÃES.



AO TELEPHONE



— Trrrim... Trrrim...
— Trrrim... Trrrim...

Falla o Mario

— Está lá? Quem falla?

— Ah! muito prazer. Como está sua esposa?

— Sinto muito. Mas que houve? Que tem?

— Nas cornetas? Oh!...

— E nas lanternas? Quaes lanternas?

— E no assento? Tambem?

— Oh! No assento... dois buracos...
Oh!... oh!... Ah!... Mas é extraordinario!
Não posso perceber isso...

— Ah! Ah! Ah!... Do automovel.

Agora, sim. Agora, entendo. Julguei que fallava de sua esposa.

— Ainda bem, ainda bem... e quando poderá sahir?

— Bom. Então, logo que esteja capaz queria pedir-lhe o emprestimo só por uma noite. Póde ser?...

— Ah! perdão, perdão... Eu fallava ainda do automovel.

— Desculpa-me, sim?

— Bem, bem. Desejo as melhoras de sua esposa, e que o desastre se não repita nem ao automovel, nem á nossa conversação.

A's suas ordens.



Processo simples de apanhar coelhos

Coloca-se n'uma noite luarenta junto de um moledo um tejolo e sobre este uma mistura em partes iguaes de almagre e pimenta. Dada a atração nos animaes pelo vermelho, o coelho ao sahir da sua toca dirige-se para o tejolo e... cheira. E cheirando, espirra... e espirrando volta a cheirar, e volta a espirrar... E assim successivamente.

Nas recepções semanaes

Na recepção semanal
O caro Doutor sorria,
Tão branco, tão cordeal,

Que nunca se vira tal
Na Côrte, Diplomacia
E Praxe internacional.

Quando terho, official,
O caro Dôutor se via
Nos espelhos de crystal,

Tão branco, tão cordeal,
Que assim mais nenhum havia
Na Praxe internacional,

Julgava-se sem rival,
E ainda mais sorria
A' imprensa mundial...

Batalha, que por signal
Era aquelle que mais sabia
De praxe internacional,

Sentiu-se, ao vê-lo,—banal!
E o caro Doutor sorria
Tão branco, tão cordeal,

Que elle jurara, a final,
Que ninguém mais o veria
Na recepção semanal.

Do *fauteuil* minist'rial,
Ditava, lia e relia
A tal *nota official*

Tão doce, tão cordeal,
Como depois jantaria
Ao sahir — a «Capital».

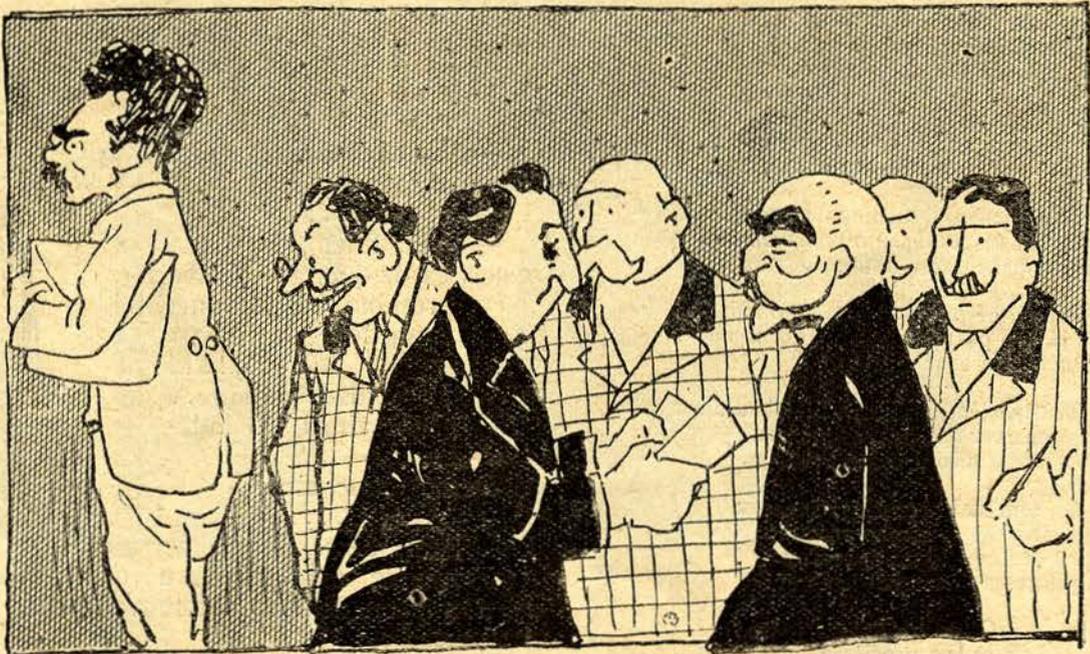
.....
.....
.....
.....

No salão pontifical
Houve alguém que o viu, um dia,
Tão branco, tão cordeal,

Abraçando, fraternal,
Um homem que ninguém via
Na recepção semanal.

Explicação: Sympathia
P'lo genio financial
D'um sabio da monarchia...

* * *



Recepção semanal aos jornalistas

O sr. dr. Bernardino Machado dá recepção todas as sextas-feiras aos jornalistas estrangeiros.

Põe-nos ao facto de tudo que por cá se passa, diz-lhes mesmo coisas que elles nunca souberam e que muitas vezes não percebem.

Elles respondem invariavelmente:

—Oui, oui, monsieur, quando não se permitem discutir e censurar a nossa politica interna.

Ha scenas engraçadissimas n'estas recepções.

N'uma das ultimas, por exemplo, dizia o senhor ministro:

—Os nossos fundos sobem prodigiosamente.

—Que quer dizer fundos? inquiriu um dos jornalistas que era francez.

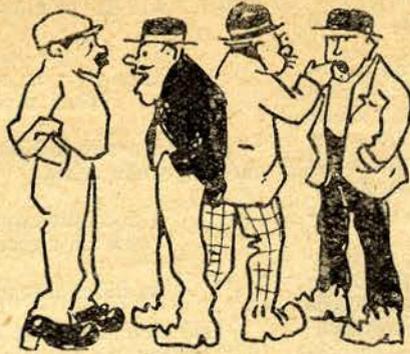
O senhor ministro, continuando a sua prelecção aos outros, offereceu lhe um dicionario. O jornalista consultava o quando o snr. dr. Brito Camacho atravessou o salão. Viu-o e exclamou:

—V. Ex.^a falla por si certamente. Ora veja V. Ex.^a o seu collega do fomento como tem os fundos em baixo...

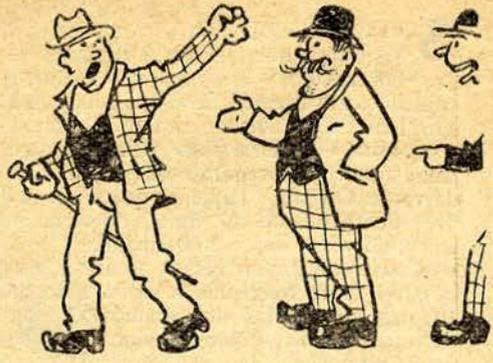
ULTIMAS NOTICIAS



Adhesões



Grèves

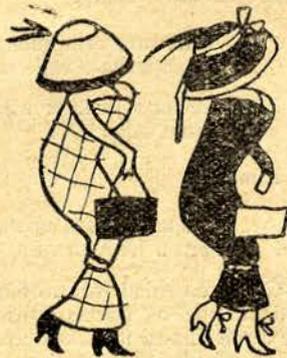


Descontentes

Contentes



Fardamentos



Travadinhas



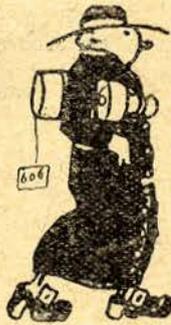
Cache-cols



Bispos de Beja



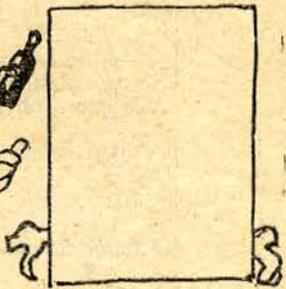
Divorcio



606



35



?



Boatos



Patriotismo



Sabotage



Reclame

STUART PERVAL NAC.

SOL CREADOR

Alberto Monsaraz

SOL CREADOR, é um livro de versos do Sr. Alberto Monsaraz, que também é Papança.

«Sol creador» lhe chamou o auctor, mas da leitura cuidadosa que fizemos, ficou-nos a impressão de que mais ajuizadamente andaria o senhor Monsaraz se intitulasse a sua obra «Verde creador», porque por todo o livro prepassa uma commovedora nostalgia, uma ancia, uma fome de verde. O senhor Papança, que também é Macedo, sonha, delira deante do verde, do verde puro, do verde tenro, do verde fresco e orvalhado.

Citaremos alguns versos ao acaso, porque seria impossível fazer referencia a todos, visto que o livro tem 190 pag. e em todas encontramos o verde, sob todos os aspectos e fórmulas, como a maior, se não a unica preocupação do poeta. Já o senhor conde, pae do joven poeta, desejava comer de bruços uma salada d'alface, «philosophicamente como um burro», segundo o seu livro, «Musa alemtejana», d'onde nós concluímos que esta tendencia para o verde é hereditaria, e talvez attavica.

Ora vejam:

A pag. 10, diz o poeta:

*. . . A fôrma porque se ama
O eterno verde.*

A pag. 39:

Toda a verde frescura d'um pomar
.....

A pag. 56:

... .. As hervas mais pequenas.

A pag. 64:

Do encanto verde do valle.

A pag. 63:

*... A um canto da horta,
Só vejo o que ella comporta,
Não quero vêr nada mais.*

(Raciocinio de vacca).

A pag. 70:

No sonho luminoso e verde do Universo.

A pag. 123:

*... Escondido entre a verdura
Verde escura.*

A pag. 129:

Nas ramadas, na relva, e nos troncos vetustos

A pag. 134:

Crescem-lhe as hervas a esmo.

E para amostra já chega.

Mas se isto não bastasse poderíamos ainda citar bocadinhos d'ouro como estes:

*A floresta mudou muito:
Em todo o verde circuito
Que abrangia
Falta a herva, já mal côme
Assim alli qualquer home
Dia a dia.*

Civilisou-se a floresta:
Do que havia pouco resta,
Quasi nada
A relva já não me al gra
Poz-se murcha, fez-se negra.
Ai! da relvinha coitada
.....
..... que desconforto
Meio vivo, meio morto
Toda a vida.

De resto o livro é bom, muito bom, muitissimo bom mesmo; senão vejam:

*A orchestra sopra, a orchestra sopra,
Vae n'um crescendo afflicto a opera.*

As flôres abrem os ouvidos.

Está mesmo a ver-se as papoilas pondo as mãos atrás das orelhas, em corneta acustica, para ouvirem melhor. Flagrante de naturalidade.

E estes dois versos:

*Ai ternura voluptuosa
Que apenas o valle tem.*

Não sabemos quem é este senhor Valle, mas deve ser um valente valle.

E mais:

*Mas uma braza apenas bastaria
Para o Universo inteiro se abraçar.*

Como é verdadeiro, profundo, este conceito. E' bem verdade que os poetas adivinham muitas vezes coisas que a sciencia só mais tarde vem a descobrir.

E ainda melhor:

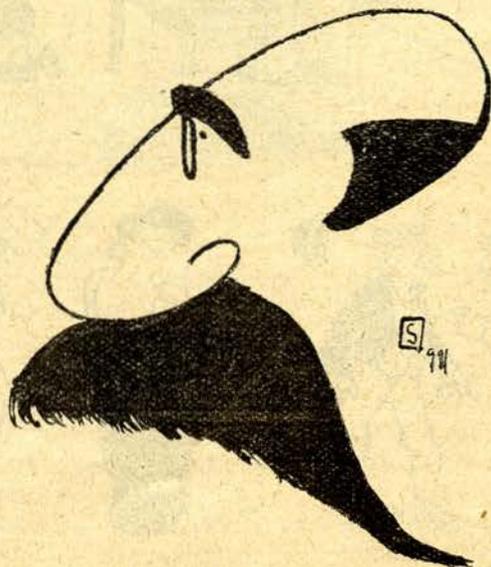
*Que ella, por mais que falle, nunca mente
E é um gosto para os olhos o escuta-la.*

E que prazer devem ter os ouvidos ao vê-la, as mãos em saborea-la, a bocca em cheira-la e o nariz em apalpa-la...

E' como os leitores vêem um bello livro.

LUIZ DE CAMÕES.

PAULO FALCÃO



Des. de Sanches de Castro.

RECEITA PARA O DOCE

BERNARDINO MACHADO

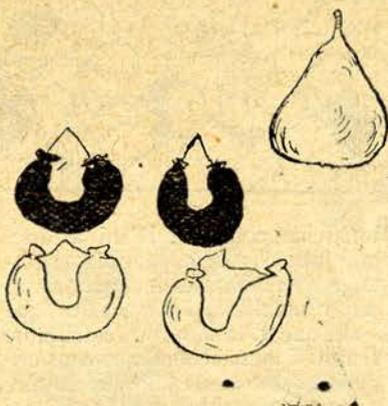
Tomem o seguinte :

uma pera.....

dois chouriços

duas murcellas

dois grãos de pimenta.....

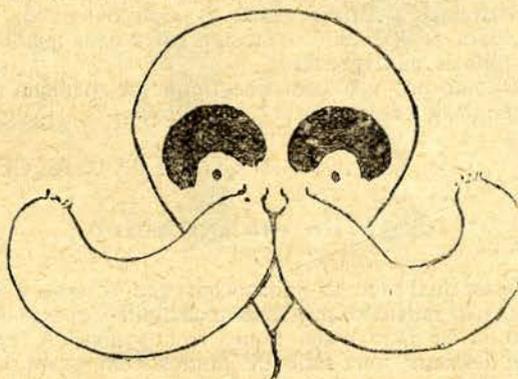


Ponham agora tudo isto, na disposição seguinte :



Invertam, e cubram com assucar, em Calda que é para adoçar mais, e terão o

doce **BERNARDINO MACHADO**



NOTA — Deve servir-se, com *meninos*, a *guardar*.

S - 911.

Conselheiro Petra

O conselheiro Petra Vianna mascarou-se de Moisés na terça-feira de carnaval, e fez, pelas ruas, todas as scenas que a Biblia impingiu ao veneravel propheta. Assim, subiu ao Sinai, recebeu das mãos do Senhor as Taboas da lei e

até fez o milagre de fazer jorrar a agua d'uma rocha, só por lhe bater com uma varinha. Como, porém, a rocha do Conde d'Obidos fica lá longe, o conselheiro batia na testa, o que dava um magnifico resultado. A agua esguichava-lhe pelo nariz, cahindo-lhe como uma catarata pelo respeitavel queixo abaixo...



No Regimen da Monarchia, comia-se. D'ahi a arte, obesa ainda, resentindo-se das fortes pancadas, resistindo aos embates de todas as revoluções inclusivé as intestinaes. Foi na sua maior manifestação: o theatro, que *Ella* se resentiu. Foi alli que *Ella* montou restaurante com serviço á lista e sentou á mesa redonda os seus criticos avidos de bons petiscos que ainda hoje lhe fornece e de que elles, com a honrosa manha de Portugal, comem e dizem mal.

Desde o cartaz, aperfeiçoamento do antigo = Hoje ha dobrada, — até á plastica, aperitivo dos velhos libidinosos, tudo alli cheira a comida. A peça é boa? Come tudo. A peça é má, come o empresario. E' má e péga, é comido o publico. Já se não pateia. Agrada, junca-se o palco d'hortaliça. Desagrada, Batatas e Pimenta.

Em assumpto theatral não ha ninguem que não metta a sua colherada. Todos cosinham peças e o espectador começa a ter difficuldades em engulil-as, se bem que sobre o final tragico d'um acto que nos embucha, cahe sempre, do céu, um panno annunciador da Agua das Lombadas.

Condemnamos a hortaliça, a pimenta, a manifestação *taco*-ruidosa, mas . . . por Deus, conservemos o vinagre para emmagrecer a arte, tirar-lhe o feitio de dona de casa d'hospedes e dar lhe a figurinha gentil de uma creatura attrahente, bella e coroada de loiros, unico tempero que lhe vae bem ao rosto e . . . ao resto.

Vamos fazer um seguro de vida e para a semana . . . começaremos a criticar . . . não as peças, os criticos, porque, para acabar com os restaurantes nada melhor do que reduzir os freguezes.

E como não é só com vinagre que se apanham moscas, tambem temos assucar . . . e do bom.

O CHEFE DA CLAUQUE.

Agulha em palheiro

Cada qual sabe as linhas com que se cose, e o sr. Ruas, não satisfeito, procurou uma agulha, apesar de no Fado já ter dado o seu ponto menos mau! A revista, onde deslisam uma serie de pontos com graça, em 3 actos bem cosidos, é desde o levantar o panno, uma machina de descoser os coses, não dando ao publico razão para repontar.

Ficam na 1.ª linha Nascimento Fernandes e Maria Granada. Aquelle um indispensavel elemento n'este genero de peças, hade fazer muitas coisas; esta, graciosa e desenvolta, futura *estrella* de revista, fez dos mal alinhavados papeis que lhe deram excellentes obras, em que merece ser apontada.

Os restantes, mais ou menos chegam á bitóla.

Da musica não fallamos. Fica para quem conhecer contraponto.

Parece-nos que o empresario se abotoará com lucros, pois aquella agulha deve fazer rendas bem boas.

O palheiro é que precisava reforma.

Fica para o terremoto.

Miquette e a mamã

A situação do Burro de Buridan não é nada invejavel. Experimentamo-la n'este momento em que é preciso dizer qual das Miquettes é melhor.

A critica da peça foi feita em Paris, e tanto o sr. Sarmiento como o sr. Brum foram approvados em francez. Portanto o que haverá a dizer é do desempenho.

No Nacional sabiam os papeis. No Gymnasio não. Quanto ao resto, o confronto encarrega se de substituir a critica.

Fallam as bilheteiras que no assumpto dizem verdades como casas.

N'um Rufo

Phoca, Machado, Assis, escreveram Revista N'um Rufo Republica. Casa á Soisa (é mais que á Cunha). Piada boa, applausos, Chaby soberbo levado em triumpho guindaste por toda a companhia. Angela depois de abaixo os homens mais os levanta.

Representa-se n'um Rufo!

Vê-se n'um Rufo! Conta-se n'um Rufo! E' pena que se não vejam mais as *baquêtas*.

CHEFE DA CLAUQUE.



LOURENÇO DE MELLO

Cabelleireiro e perfumista



ROCIO, 28 (Ao lado dos Irmãos Unidos)

ROSA D'OURO

PERFUMARIA



O' meninos mettam todos o nariz, que esta senhora cheira bem a valer.

—Acha? Pois olhem, é melhor que mettam o nariz na **Rosa d'Ouro**, que é quem tem os melhores perfumes.

PERFUMARIA

DE

LUIZ CARDOSO

281, RUA DO OURO, 281 — LISBOA

TELEPHONE 2:638



TRAVADINHO. — Não achamos. Trave mais. Quanto mais curto melhor.

D. BRIOLANJA. — Isto não é agencia de casamentos. O Bicho Homem ainda não é coisa que ande aos pontapés.

POTE. — Queira bisar e fica certo.

T. O. P. — O que quizer. Tolo e pateta, são synonymos.

CARMEN. — A culpa foi do D. José que não teve mão certa. E agora a gente que o ature.

LEÃO. — Adopte o pseudonymo da sahida. Fica-lhe melhor.

XIMENES. — O Filinto Elysio tinha a mania de plagiar as suas obras. Nesta então foi descaradamente. Museu da Candonga!

TRIFEIRO. E' forte, muito forte! Por menos fizeram a mudança ao Correio da Manhã. Livra!

SHERLOCK. — Para descobrir asneiras ainda não vimos outro. Requeira á Civica, e vá estudando grammatica.

O FISCAL DE SERVIÇO.

PERFUMARIA SANGAREAU

RUA NOVA DO ALMADA, 81



Grande sortido em perfumarias e mais diversos artigos

Crepes em todas as cores

Unico deposito do afamado

Azeyte vegetal Mexicano, que torna aos cabellos a sua primitiva cor, e do Genitor do cabelo

Dão-se senhas do BONUS UNIVERSAL

A. DE BARROS CASTRO

MEDICO-CIRURGIÃO

CLINICA GERAL E PARTOS

RUA NOVA DO CARMO, 90, 1.º

SOCIEDADE ANGARIADORA DE SEGUROS

RUA DE S. JULIÃO, 91, 2.º



Seguros de vida terrestres, maritimos,
contra roubos e quebras de vidros

Director: OSCAR BRAVO

A. CAMARA PIRES

MEDICO-CIRURGIÃO

Clinica geral e vias urinarias

Rua da Assumpção, 58, 2.º

TABACARIA MONACO

DE

JULIO CESAR VIEIRA DA CRUZ

21, Praça de D. Pedro, 21 — 16, Rua do Principe, 16

LISBOA

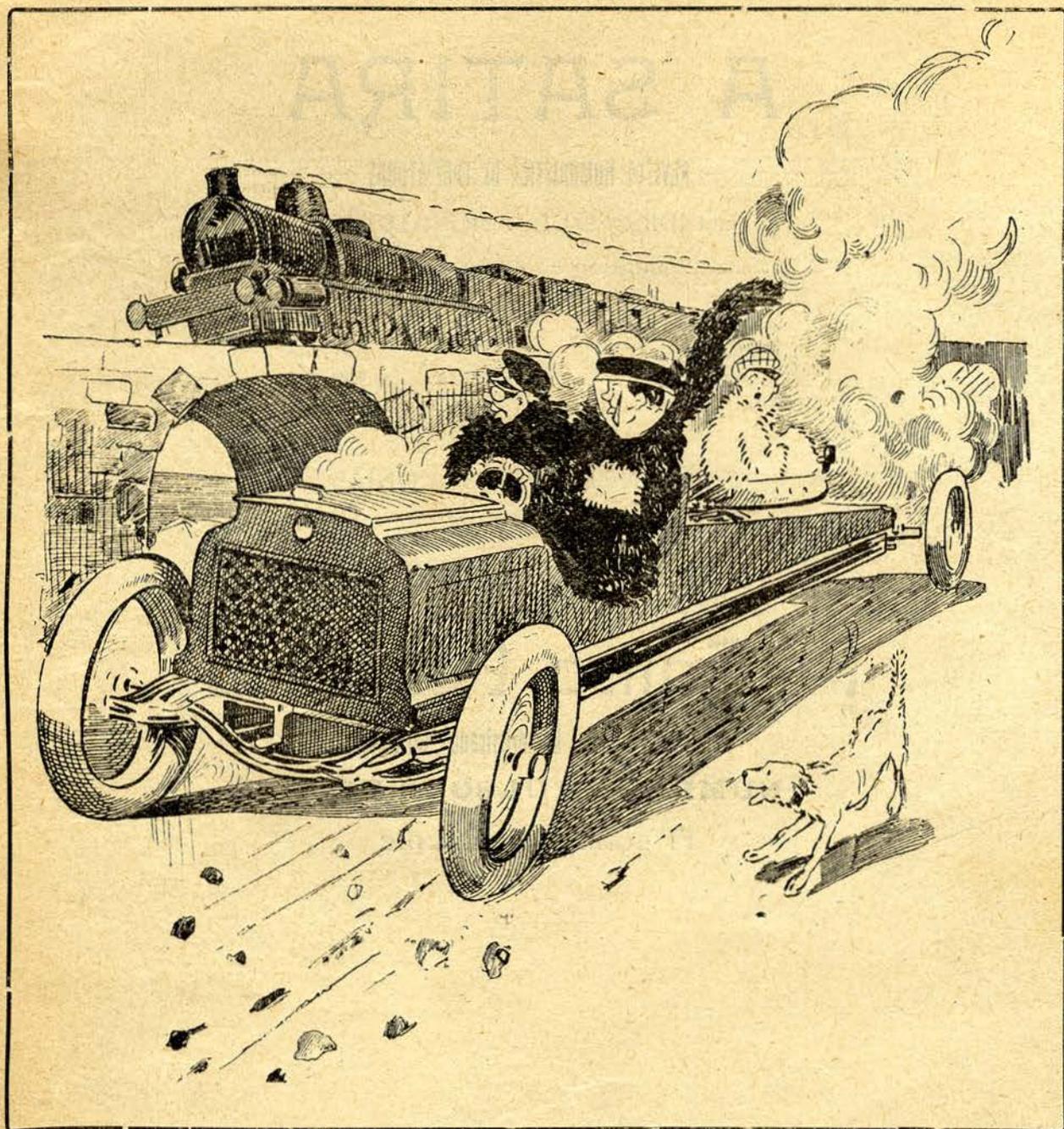
Tabacos nacionaes e estrangeiros
Loterias e jornaes nacionaes e estrangeiros

Unica agencia dos jornaes do Porto

Telephone 1:509

SOCIEDADE PORTUQUEZA DE AUTOMOVEIS

UTO-PALACE



Representantes exclusivos das principais marcas de automoveis

BRAZIER - DION BOUTON, ETC.

OFFICINA MOVIDA A ELECTRICIDADE

Reparações—Rua Alexandre Herculano

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

PAGAMENTO ADEANTADO

PORTUGAL E HESPANHA

Trimestre	150 réis
Semestre	300 >
Anno	600 >

EXTRANGEIRO E COLONIAS

Accresce o porte do correio

NUMERO AVULSO 60 RÉIS

A Satira Pequena

Publicação semanal humoristica de caricaturas

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

A sahir brevemente

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

PAGAMENTO ADANTADO

PORTUGAL E HESPAHHA

Trimestre	150 réis
Semestre	300
Anno	600

EXTRANGEIRO E COLONIAS

Accresce o porte do correio

NUMERO AVULSO 60 REIS

A Satira Pequena

Publicação semanal humoristica de caricaturas

NUMERO AVULSO 20 REIS

A sair brevemente